

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

VANESSA ALKMIN REIS

**Websites pró-ana e mia:
redes sociais e suas transformações**

Juiz de Fora
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

VANESSA ALKMIN REIS

**Websites pró-ana e mia:
redes sociais e suas transformações**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito
para a obtenção do título de Mestre em
Comunicação Social na Faculdade de Comunicação
Social da UFJF

Orientador: Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Juiz de Fora
2009

VANESSA ALKMIN REIS

Websites pró-ana e mia:
redes sociais e suas transformações

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito para a obtenção do título de Mestre
em Comunicação Social na Faculdade de
Comunicação Social da UFJF

Aprovada em 02/04/09

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Potiguara Mendes da Silveira Jr. (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Nelma Garcia de Medeiros
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professor Doutor Francisco José Paoliello Pimenta
Universidade Federal de Juiz de Fora

A vida é feita de redes. E não são necessárias teorias para entender a trama de fios entrelaçados que nos captura, como caça, ao nascer. Vivemos em permanente conexão. Viramos nós desta teia inescapável chamada mundo. Rede de proteção que ampara nossos tombos. Rede de balanço, rede de descanso. Redes que permitem trocas, crescimento, construção.

Ao longo desta pesquisa, encontrei bases científicas para algo que, no fundo, todos sabemos. Eu sou minhas conexões. Eu sou a interseção do que elas me fazem ser. Eu, você, todos somos nós.

A vocês que fazem parte da minha rede – que fazem parte de mim – meu agradecimento e meu carinho.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora,

o lugar onde eu, literalmente, me formei

À Faculdade de Comunicação Social,

pelas preciosas e eternas conexões

Ao estimado orientador Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Jr.,

por fornecer instrumentos para, além de realizar esta pesquisa,

compreender melhor o mundo e a mim mesma

Aos professores, pelas trocas de conhecimento

À família, pelo apoio, união e amor

Aos amigos e colegas, pelo crescimento diário e compartilhado

A Deus, por tudo

rede (ê) *sf* **1.** Fios, cordas, arames, etc., entrelaçados, fixados por malhas que formam como que um tecido. **2.** Qualquer dispositivo feito de rede (1) usado para apanhar peixes, pássaros, etc. **3.** Dispositivo feito de rede (1) utilizado em circos, ou pelo Corpo de Bombeiros, para amortecer o choque da queda de pessoas. **4.** Rede (1) sustentada por trave, etc., e que divide os dois campos adversários, em vários esportes. **5.** O conjunto dos meios de comunicação ou informação (telefone, telégrafo, rádio, televisão, etc.), ou das vias (e do equipamento) de transporte ferroviário, aéreo, etc. **6.** A canalização de água, esgoto, gás, etc., duma localidade. **7.** Circuito distribuidor de corrente elétrica. **8.** Espécie de leito feito de tecido resistente e suspenso pelas extremidades, em armadores ou ganchos. **9.** Rede de computadores.

(Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Minidicionário da Língua Portuguesa*, 1993)

RESUMO

Investigação sobre os modos de expressão possibilitados pela expansão das redes informatizadas no século XXI. Análise de *websites* pró-anorexia e bulimia (personalizadas nos fóruns *online* como ana e mia) com o objetivo de compreender os efeitos (a) sobre os conteúdos veiculados, uma vez que são disponibilizados em rede, e (b) sobre os *links* se estabelecem neste ambiente de enredamento tecnológico, no qual cada nó – pessoa, assunto ou máquina – está em permanente disponibilidade à conexão.

Com um referencial teórico que abrange Teorias da Comunicação, Ciências Sociais e, sobretudo, Psicanálise, agregam-se conhecimentos que, como nós de uma rede, se conectam, complementam e proporcionam bases para o estudo destes acontecimentos. Como objeto de nossa pesquisa, elegemos um escopo de *websites*, *blogs* e redes sociais representativos do movimento virtual pró-anorexia e bulimia que possibilitam descrever de modo original características importantes (nem sempre visíveis) desse fenômeno comunicacional típico da sociedade ocidental contemporânea.

Palavras chave: Teorias da comunicação. Psicanálise. Sociedade em rede. Internet. Pró-ana.

ABSTRACT

Research about the ways of expression made possible by the widespread global computer networks in the 21st century. Analysis of pro-anorexia and bulimia websites (conditions personalized in online forums as ana and mia) aimed to an understanding of their effects (a) on the broadcasted contents, once they are available online, and (b) on the links that are established in that technological networking environment, in which each node – person, subject or machine – is in permanent availability for connection.

With a theoretical basis that involves Communication Theories, Social Sciences and, above all, Psychoanalysis, we bring together knowledges that, as nodes of a network, connect, complement and offer grounds for the study of these facts. As an object for our investigation, we elected a range of websites, blogs and social networks that represent the online pro-anorexia and bulimia movement, and allow an original description of important (but not always visible) characteristics of this communicational phenomena so typical of the western society.

Keywords: Communication theories. Psychoanalysis. Network society. Internet. Pro-ana.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O ATUAL AMBIENTE CONECTADO E INTERATIVO.....	16
3 OBJETO, QUESTÃO E HIPÓTESE.....	23
3.1 CONSIDERAÇÕES MÉDICAS.....	23
3.2 CONSIDERAÇÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	26
3.3 ANA E MIA NA INTERNET.....	31
3.4 PERFIL DOS MEMBROS.....	32
3.5 INSPIRAÇÕES MAGRAS.....	33
3.6 MAGREZA E MORTE.....	34
3.7 NO ESPORTE.....	35
3.8 NAS PASSARELAS.....	37
3.9 CELEBRIDADES.....	39
3.10 REPERCUSSÕES NA MÍDIA.....	41
3.11 REPERCUSSÕES LEGAIS.....	43
3.12 DA PARTE DOS WEBSITES.....	45
3.13 QUESTIONAMENTOS.....	46
3.14 HIPÓTESE.....	47
4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	49

4.1 A NOVA PSICANÁLISE.....	49
4.1.1 A pulsão.....	49
4.1.2 O conceito de <i>formação</i>	50
4.1.3 O recalque, o revirão e a indiferenciação.....	52
4.1.4 O campo transferencial e a idioformação.....	53
4.1.5 Os regimes vinculares e recalcentes primário, secundário e originário.....	55
4.1.6 A pessoa: pólo, foco e franja.....	57
4.2 TEORIAS DE REDE.....	58
4.2.1 Redes: do pensamento humano às estruturas sociais.....	58
4.2.2 Euler e o problema das pontes.....	60
4.2.3 O mundo aleatório.....	61
4.2.4 A seis passos de qualquer um.....	63
4.2.5 A importância dos “conhecidos”.....	66
4.2.6 Grupos interligados.....	68
4.2.7 Redes sem escalas.....	70
5 ANÁLISE DOS WEBSITES ANA E MIA.....	74
5.1 POR DENTRO DA REDE.....	74
5.2 CONFORTO E DISCRIMINAÇÃO.....	75
5.3 O QUE DIZEM E TROCAM AS ANAS E MIAS?.....	77
5.4 COMUNIDADES SEGMENTADAS.....	80
5.5 A ESCRITA DE SI.....	82
5.6 CADA UM NO SEU LUGAR.....	84

5.7 ENCONTROS E DESENCONTROS.....	87
5.8 UNIDOS VENCEREMOS.....	90
5.9 À VISTA DE TODOS.....	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS INAUGURAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS.....	104

1 INTRODUÇÃO

Dos vários significados da palavra rede que constam no dicionário, podemos apreender um sentido comum: o entrelaçamento, a conexão. Seja nas tramas de um tecido, no encanamento de água das cidades, na malha ferroviária ou na relação entre as pessoas, a organização em rede permeia todos os aspectos da vida humana. Com o desenvolvimento industrial veio a aceleração tecnológica que, através de sucessivas e cada vez mais velozes invenções contribuiu para estreitar a teia que engloba a humanidade ao redor do mundo. A sociedade passou a se organizar em função dos fluxos informacionais, acessíveis a um número cada vez maior de pessoas.

Este trabalho tem como objetivo investigar alguns modos de expressão possibilitados pela expansão das redes informatizadas no início do século XXI. Tomamos como estudo de caso o movimento virtual pró-anorexia e bulimia, que teve início nos Estados Unidos no ano 2000. Trata-se de uma corrente de pensamento que prega como “estilo de vida”, e não como doença, as condições denominadas pela medicina como “transtornos alimentares”. Tal escolha visa exemplificar, com um tema atual, os efeitos da disponibilidade técnica de produção, difusão e compartilhamento de conteúdos sobre temas que, por seu baixo nível de aceitação social, anteriormente não tinham lugar nos meios de comunicação.

O capítulo 2 apresenta um panorama do cenário comunicacional contemporâneo. A Internet é contextualizada histórica e cronologicamente, com suas características de dissociação entre tempo e espaço e quebra da hegemonia do padrão comunicacional um-todos, em favor da emergência de um modelo todos-todos. Este último é possibilitado pelo desenvolvimento técnico que dá a oportunidade a qualquer portador de equipamentos simples de criar e disponibilizar conteúdos em diversos suportes audiovisuais.

Tendo em vista que a maneira de pensar e viver de cada sociedade é, em grande medida, influenciada por suas especificações técnicas, investigamos as mudanças na percepção de mundo causadas pela mundialização da web. Além da disponibilização dos mais diversos tipos de conteúdos, analisamos de que maneira as próprias características das redes de computadores, como a velocidade, a não-linearidade e o imediatismo afetaram o ser humano e suas relações consigo mesmo, com a informação, com seu entorno e com os outros de sua espécie.

Exploramos ainda o momento atual da rede, definido por alguns estudiosos como Web 2.0. O termo traz à tona a ênfase no usuário como produtor/receptor de conteúdo, descentralizando o poder antes concentrado em empresas donas de grandes portais online. O foco agora é em ferramentas de construção colaborativa, websites de redes sociais e compartilhamento de arquivos. Com isso, facilita-se a aproximação e interação de pessoas com interesses em comum, sejam quais forem.

O capítulo 3 se propõe a apresentar o objeto da pesquisa: o movimento pró-anorexia e bulimia. Começamos com considerações médicas a respeito das condições classificadas como transtornos alimentares: seus sintomas, critérios de diagnósticos e conseqüências. É feita ainda uma abordagem histórica, descrevendo a cronologia dos registros de identificação da anorexia e da bulimia pela medicina.

Recorremos também às Ciências Humanas para um aporte sociológico e histórico da noção de padrão de beleza – um dos motivos alegados pelas anas e mias para sua busca incessante pelo emagrecimento. Traçando uma linha de tempo, podemos ver as variações da definição de belo ao longo dos séculos, o que mostra o caráter relativo deste conceito. Citamos também o papel do modelo socioeconômico atual, voltado para o consumo, no estímulo à valorização extrema da forma física, como ocorre em casos de distúrbios da auto-imagem corporal relacionados a transtornos alimentares.

Partimos então para uma apresentação do movimento pró-anorexia e bulimia na internet. Mapeamos as condições sociotécnicas que formaram um terreno fértil para o surgimento deste tipo de grupo, como o anonimato e a não-regulamentação das redes informatizadas. Traçamos um perfil dos membros, bem como um panorama geral das trocas de idéias e materiais audiovisuais realizadas nos ambientes virtuais de socialização comumente utilizados por eles: sites de redes sociais, compartilhamento de arquivos e weblogs.

Segue uma pesquisa sobre casos de transtornos alimentares em grupos considerados predispostos ao seu desenvolvimento, como atletas, modelos e celebridades do cinema, da música e da TV. Trazidas à tona pelo movimento virtual e pelos vários casos de morte de modelos, a anorexia e a bulimia passaram à condição de pautas jornalísticas. Também foram combatidas com força de lei em diversos países, bem como em Estados brasileiros, nos quais foram temas de debates parlamentares e projetos legislativos. Do mesmo modo, com tanta repercussão, os websites passaram a tomar medidas diversas para tentar impedir o funcionamento de grupos ana/mia.

No encerramento deste capítulo, após a descrição do objeto de estudo, apresentamos alguns questionamentos fundamentais para a pesquisa e sugerimos uma hipótese que norteará os rumos da investigação dali em diante. Para além de indagações que poderiam ser respondidas com *sim* ou *não*, optamos por trabalhar em termos de *como* e *em que medida*, a fim de não restringir a amplitude investigativa da pesquisa. Em um ambiente de conexões, seria complicado estabelecer metas lineares ou com opções restritas de resposta, já que não teríamos condições, no início das atividades, de prever para onde os emaranhados da rede poderiam apontar.

No capítulo 4 apresentamos o referencial teórico-metodológico que serviu de base para a realização desta pesquisa. A Nova Psicanálise traz como base o conceito freudiano de

pulsão, o movimento rumo à extinção característico de tudo que há. Esta abordagem foi adotada por sua originalidade no que diz respeito ao entendimento dos vínculos. Além dos vínculos denominados relativos (referenciados a características biológicas/físicas ou simbólicas/culturais), a teoria considera a existência do Vínculo Absoluto, ou seja, a *condenação* de todas as formações à trajetória pulsional inescapável que as define. É no nível desta vinculação absoluta que ocorre a suspensão das diferenças de qualquer outra ordem, o que permite analisar fenômenos comunicacionais como o movimento pró-ana e mia sem nos prendermos a antigos paradigmas. Outro ponto importante é a definição do próprio conceito de pessoa como rede. Por esta via, todos podem ser vistos como emaranhados de conexões em permanente disponibilidade, em um mundo onde os limites até então estabelecidos estão cada vez mais maleáveis.

Realizamos ainda neste capítulo uma exposição dos estudos de rede através dos tempos. No século XVIII, um enigma de cidade pequena impulsionou Euler a iniciar os estudos gráficos de rede. Ao longo dos séculos, cada nova teoria representou um passo a mais com relação à anterior, em busca de compreender estruturas tão diversas quanto a sociedade humana, o funcionamento dos neurônios, a organização de um formigueiro e, mais tarde, as redes de computadores. (Johnson, 2003)

Como investigação prática deste estudo, procedemos no capítulo 5 à análise de websites pró-anorexia e bulimia, à luz do aporte teórico citado. Dedicamos apurada atenção, especialmente, a aspectos que tornassem possível a validação – ou não – da hipótese proposta. Em benefício da maior neutralidade possível na investigação, optou-se pela postura de narrador-observador. Utilizando, quando necessário, um perfil *fake* semelhante aos dos usuários-padrão destes fóruns, freqüentamos comunidades em sites de redes sociais, como Orkut e Facebook, blogs e sites de compartilhamento de arquivos como o Youtube. Com isso,

pudemos apreender diversos aspectos relevantes sobre o estabelecimento de vínculos nestes ambientes virtuais, o que possibilitou que chegássemos à parte final deste trabalho.

Optamos por intitular o último capítulo de *Considerações finais e apontamentos inaugurais* para evitar o caráter restritivo de termos como “conclusão”. Entendemos que, existindo em rede, como tudo o que nos cerca, também esta pesquisa se encontra em permanente disponibilidade a novas conexões e intervenções. Do modo como se apresenta, pode ser compreendida como um recorte, a imagem numa tela que nos permite olhar para o acontecimento comunicacional pró-anorexia e bulimia tal como se mostra no presente. Fazendo uso dos termos da Nova Psicanálise, entendemos este trabalho como um foco a partir do qual, de todas as partes e em diversas direções, se estendem franjas que podem ser retomadas, reconfiguradas e reconectadas em investigações futuras, demonstrando que, cada vez mais, é em rede que se organizam o pensamento, a sociedade e a ciência.

2 O ATUAL AMBIENTE CONECTADO E INTERATIVO

Com a emergência da rede mundial de computadores, idéias como as de interligação em rede, queda do conceito de indivíduo (como unidade fundamental e indivisível) e estabelecimento de vínculos tornaram-se cada vez mais evidentes. Na verdade, tudo isso se tornou mais visível devido a uma característica inerente à Web: a possibilidade de acessar tudo o que nela está arquivado.

Interatividade, compartilhamento de informações e colaboração são termos utilizados desde o surgimento da Internet. A rede que conhecemos hoje, derivada da ARPAnet do Departamento de Defesa dos Estados Unidos na época da guerra fria, sempre teve na descentralização um de seus pontos essenciais. Para além de garantir o funcionamento dos sistemas de segurança, caso um dos “nós” fosse bombardeado, esta ausência de um centro de comando, já por volta de 1960, é a base para compreendermos muitos dos atributos da rede mundial de computadores, bem como da própria sociedade contemporânea.

Com a expansão da Internet, a transmissão de informações em tempo real alcançou dimensões mundiais, possibilitando a passagem de um modelo majoritário de comunicação um-todos, no qual poucos receptores tinham nas mãos a responsabilidade e o poder de transmitir mensagens a toda a sociedade, para um modelo todos-todos, no qual cada cidadão com acesso aos meios é ao mesmo tempo produtor e receptor de um fluxo constante de informações. No capitalismo industrial, os fluxos de informação, trabalho e capital eram organizados no tempo e no espaço pelos Estados nacionais, que exerciam papel regulador. Com a globalização, o papel dos atores na sociedade passou a ser determinado não apenas por sua proximidade com relação aos fluxos informacionais, mas também por sua capacidade de produzir e regular seus próprios fluxos.

“Pois o homem, (...) diferentemente das criaturas simplesmente biológicas, possui um aparato de transmissão e transformação baseado em sua capacidade de armazenar experiência. E esta capacidade de armazenar – como na própria linguagem, de resto – é também um meio de transformar a experiência” (McLuhan, 1964, p.79)

Com a popularização da comunicação massiva, o fluxo de informações foi dissociado do espaço geográfico. Rádio, televisão e jornais, entre outros, exemplificam um modelo comunicacional posteriormente denominado um-todos, no qual os dados fluem majoritariamente do centro da rede para a periferia. “Ou seja, o fluxo de comunicação dá-se em sentido único, dos produtores para um número indefinido de receptores potenciais. Estabelece-se, assim, uma assimetria estrutural entre produtores e receptores de televisão”. (Primo, 2008: 58)

Esta popularização dos meios de comunicação de massa tornou o cenário propício para uma organização social como temos hoje, baseada nos fluxos informacionais. Nos anos 1990, a Internet toma dimensões mundiais, conectando, para além dos militares e corporações do início, milhares de usuários comuns ao redor do globo. A web torna-se, assim, um exemplo do modelo comunicacional chamado todos-todos. Cada computador corresponde a um nó na grande teia mundial e tem condições de emitir e receber dados.

Nas sociedades orais, a história original, contada e recontada, perdia por vezes a exatidão, vítima da tendência natural das coisas a se extinguirem com o tempo. Diferentemente disso, na contemporaneidade, o registro permanente de dados (principalmente o registro virtual, considerando a ausência de limite de armazenamento na web) pode ser visto como uma tentativa de combater esse caminho natural. Para Mattelart (1995: 66), a informação, as máquinas que a tratam e as redes que ela tece são as únicas capazes de lutar contra essa tendência à dispersão e conseqüente perda das informações.

Assim, tal popularização das redes de computadores modificou não apenas a esfera técnica, mas a própria maneira de o ser humano perceber o mundo que o rodeia. A

partir do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) até mesmo as relações sociais e de produção foram rearticuladas. A sociedade deslocou suas formas de organização política e econômica da dimensão espacial de seu próprio território para a dimensão temporal da velocidade elétrica. Independente do quão imerso cada um de seus segmentos está na tecnologia, todo o conjunto social é afetado pelas inovações propiciadas pela expansão mundial das redes, pois, segundo McLuhan, “os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência”. (McLuhan, 1964, p.34)

Além de ser o meio pelo qual os dados são transmitidos, as tecnologias adequam-se ao conceito de McLuhan que afirma que “o meio é a mensagem”. A mecanização, independente de seus produtos, introduziu em seu tempo o raciocínio seqüencial, através da fragmentação dos processos e posterior seriação das partes fragmentadas. Já “o cinema, pela simples aceleração mecânica, transportou-nos do mundo das seqüências e dos encadeamentos para o mundo das estruturas e das configurações criativas” (McLuhan, 1964, p.26). Do mesmo modo, a tecnologia de redes informatizadas que vemos surgir torna-se o próprio paradigma da comunicação na sociedade contemporânea. Independente de seu conteúdo, ela própria difunde e legitima a predominância dos valores ocidentais, desde o alfabeto, do jeito como o conhecemos, até os valores abstratos, como a velocidade, o imediatismo e o consumo

“Reunir-se à distância, ou ainda, estar tele-presente, ao mesmo tempo aqui e ali, constituem tão somente as características disseminadas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação, onde a interatividade, a imediatez e a ubiqüidade surgem como a verdadeira mensagem da emissão e da recepção em tempo real. Um tempo real que, na verdade, nada mais é do que um espaço-tempo real, uma vez que as interações sociais ocorrem de fato, tem o seu lugar, mesmo se, no fim das contas, esse lugar é o não-lugar da velocidade.” (Ferreira, 2005, p. 6)

Com isso, coloca-se em prática novas formas de pensar os conceitos de comunidade e sociabilidade, cada vez mais dissociados dos fatores tempo e espaço. As novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) proporcionaram o advento da comunicação assíncrona, possibilitando assim que indivíduos em pontos diversos do globo, vivendo em fusos horários diferentes, possam trocar mensagens entre si sem a necessidade de estar conectados um com o outro em tempo real. Ao mesmo tempo, com as mudanças sociais decorrentes da urbanização e modernização tecnológica, a proximidade geográfica deixou de ser determinante na formação das redes sociais. Para isso, as tecnologias da Internet, como listas de discussão, sites de relacionamento e programas de comunicação instantânea, facilitaram a aproximação de pessoas com idéias semelhantes, independente de sua localização geográfica. “(...) o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede.” (Castells, 2003, p.108).

Impondo a velocidade, a internet ostenta a bandeira do próprio modo de vida ocidental. Ela modifica a inserção das pessoas em suas relações de sentido, sua forma de percepção e suas interações sociais, que passam a ser pautadas, independente do território onde acontecem, pelos valores ocidentais de imediatismo e consumo. Além dos discursos difundidos em rede, sua própria estrutura tecnológica contribui para a construção desta nova semiose, reproduzindo e induzindo a determinadas atitudes frente ao outro, seja ele semelhante ou diferente, próximo ou distante.

A velocidade dos fluxos de informação em rede impõe-se, cada vez mais, como o ritmo que pauta a vida. Modifica nossa forma de ver o mundo, de sentir o tempo, de manter relações com outros seres humanos. Define experiências e relativiza conceitos, permeando, assim, toda a existência daqueles que navegam em sua “correnteza caótica de homens e

coisas” (Carvalho *apud* Santaella, 2004. p.29) “Que faz a velocidade? Ela desestrutura o processo de percepção, comprimindo o tempo, até chegarmos a um tempo único e global, e desconstrói o espaço. Cumprem-se os nossos sonhos de criança: tornamo-nos fluidos e multidimensionais.” (Mourão, 2004, online)

Atualmente, a Internet vive um momento que alguns especialistas consideram a “segunda geração” da rede. Após a expansão inicial acelerada (entre 1990 e 2000) e posterior enfraquecimento, com grandes perdas econômicas para muitos que decidiram investir no emergente segmento online, a web continua demonstrando seu caráter de renovação constante. Além de não ter fracassado, como previam alguns pessimistas, ela demonstra a cada dia que suas principais características vieram não somente para facilitar a relação do homem com a máquina, mas para serem marcas registradas do estilo de vida de sociedades inteiras neste início de século XXI.

Durante uma reunião da empresa norte-americana O’Reilly Media¹, o termo Web 2.0 foi utilizado pela primeira vez para se referir à tendência predominante na Internet contemporânea: a ênfase em comunidades, serviços e aplicativos centrados no usuário. A popularização da banda larga possibilitou o acesso de um número cada vez maior de pessoas a recursos antes restritos a grandes corporações e provedores de serviços. Em novembro de 2006, 74% dos 14,4 milhões de usuários ativos da internet brasileira usavam uma conexão de alta velocidade para navegar na internet². Este número corresponde a 10,7 milhões de brasileiros com velocidade de conexão suficiente para capacitá-los a diversas atividades antes impossíveis, como compartilhar arquivos, produzir e difundir conteúdo.

A controvérsia gerada pelo termo envolve, de um lado, os entusiastas da “nova geração” da internet e, de outro, pessoas que acreditam que a ampla utilização do termo web 2.0 seja uma jogada publicitária, uma *buzzword* para atrair a atenção do público. Contendas à

¹ <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>

² <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/01/05/idgnoticia.2007-01-04.2426042674/>

parte, a expressão consegue englobar uma série de conceitos-chave para entender o que é a Internet hoje. A transição para um modelo de comunicação todos-todos é exemplificada por Renê de Paula Jr, em entrevista ao site Web2.0Br: “na web 2.0 não somos mais caçadores / coletores. Temos nome, plantamos conteúdo, colhemos conhecimento e criamos novos mundos.”³ Apesar da alusão ao estabelecimento humano em um território fixo expressa na metáfora, estamos virtualmente mais nômades do que nunca. Pode-se circular de uma página a outra através de eficientes sistemas de busca orientados por tags, palavras segundo as quais os próprios usuários classificam o que é postado na rede, como pegadas deixadas para outros que vierem depois em busca do mesmo caminho.

O conteúdo é cada vez mais personalizado e, uma vez tirado das mãos de grandes empresas, reforça a tendência ao domínio público, exemplificado pelos movimentos de software livre e licenças abertas de direito autoral. A web é vista como uma plataforma, um meio para que os serviços atinjam cada vez mais internautas. É a inteligência coletiva delas que possibilita o aperfeiçoamento constante dos programas, partindo do princípio de que ter milhares de pessoas atentas a erros e munidas dos meios para consertá-los, ao invés de apenas uma empresa e sua equipe de suporte técnico, aumenta as chances de que esta falha seja corrigida.

A ênfase na construção colaborativa deu origem a sites como a Wikipedia⁴, enciclopédia aberta em que qualquer pessoa pode postar ou editar artigos. A plataforma escrita a milhares de mãos conta hoje com mais de dois milhões de textos em língua inglesa. Em português, são mais de 350 mil artigos que, embora ainda sejam encarados com certa desconfiança por alguns, pela falta de garantia de procedência, vêm se tornando a grande fonte e o grande retrato da sabedoria das multidões na web.

³ <http://web2.0br.com.br/conceito-web20/>

⁴ <http://www.wikipedia.org/>

O e-mail, os blogs e fóruns de discussão foram os precursores da conversa online, que agora encontra espaço em sites de redes sociais. Ferramentas amigáveis dispensam conhecimentos técnicos para a criação de um espaço pessoal na internet, ao qual se permite o acesso de amigos, familiares e até mesmo curiosos. Tecnologias como a programação XML e a distribuição de conteúdo RSS combinam as facilidades de dois ou mais sites na mesma interface, e possibilitam que o conteúdo, previamente selecionado por tags, venha até o usuário antes mesmo que ele o procure. Assim, cada vez mais incentiva-se a interação, motivada principalmente por gostos e interesses pessoais comuns.

3 OBJETO, QUESTÃO E HIPÓTESE

3.1 CONSIDERAÇÕES MÉDICAS

A relação do ser humano com o alimento não é um problema atual. Na Grécia antiga, Hipócrates já mencionava a importância do regime alimentar em seu tratado sobre a Medicina Antiga. “A humanidade, segundo ele, ter-se-ia separado da vida animal por uma espécie de ruptura de dieta.” (Foucault, 1984: 91) Partindo de uma alimentação inicial constituída de carne e vegetais crus, como a dos animais, o homem desenvolveu ao longo dos séculos técnicas de preparo e conservação dos víveres. Ocorreu também uma “personalização” da dieta, com o uso de alimentos como remédios para diversas condições clínicas. Segundo Foucault, para Platão,

“a dietética foi, efetivamente, uma inflexão da medicina; mas ela só se tornou esse prolongamento da arte de curar a partir do momento em que o regime, como maneira de viver, separou-se da natureza; e se ela constitui sempre o acompanhamento necessário da medicina, é na medida em que não se poderia cuidar de quem quer que seja sem retificar o modo de vida que o tornou efetivamente doente.” (Foucault, 1984: 92)

Para os gregos da época, para uma vida saudável, o uso dos prazeres – exercícios, alimentos, bebidas, sono e relações sexuais – deveria ser medido. Estas atividades eram moderadas de acordo com a idade do sujeito, o clima, a condição física e os hábitos de vida. Os exercícios físicos eram ainda relacionados aos banhos, mais ou menos quentes, dependendo do esforço realizado, da alimentação e do clima. Para corrigir os excessos alimentares, eram indicados purgações e vômitos. (Foucault, 1984: 93)

É também do grego que se origina a palavra anorexia, junção dos termos *ann* (sem) e *orexis* (apetite). Muitos pesquisadores do tema, no entanto, não concordam que exista falta de desejo pela comida, exceto em casos mais graves, quando o paciente apresenta

rejeição aos alimentos. Na maioria dos casos, o que ocorre é apenas a regulação intensa de seu consumo.

São caracterizadas como transtornos alimentares as perturbações do comportamento alimentar considerado padrão. Diversas alterações corporais são decorrentes destes comportamentos diferenciados, sendo as mais evidentes o emagrecimento extremo ou, por outro lado, a obesidade. Podem ocorrer também perturbações gastrointestinais e problemas relacionados à privação de nutrientes, como queda de cabelos e alterações no ciclo menstrual das mulheres.

Os transtornos alimentares mais conhecidos são a anorexia nervosa e a bulimia nervosa, ambas caracterizadas pelo medo extremo de engordar e alterações na percepção da imagem corporal que fazem com que, por mais magra que esteja, a pessoa se veja gorda. (Nakamura, 2004: 15) A autoimagem de pessoas que sofrem destes distúrbios passa sempre por tais fatores estéticos, como o peso e o tamanho das roupas utilizadas.

Em 1691, o médico inglês Richard Morton fez o que seria considerada a primeira descrição de um quadro de anorexia nervosa: uma jovem de dezessete anos que apresentava sintomas como magreza extrema, hipotermia e recusa à alimentação. Casos semelhantes aparecem em relatos de 1790, pelo também médico inglês Robert Willan; em 1859, através do francês L.V. Marcé durante o encontro da Sociedade Médico-Psicológica de Paris; e em 1868, no encontro da Sociedade Médica Britânica, por William Gull, entre outros. Este último foi quem denominou o quadro como anorexia nervosa. (Busse e Silva, 2004: 32-33)

A bulimia, por sua vez, é primeiramente descrita na sociedade babilônica como uma fome voraz, entre os anos 400 e 500 a.C. Porém, ela só começou a ser associada à anorexia em 1870, também por Gull. Já no século XX, um estudo de Bruch revelou que, em 1980, mais de 50% das pacientes diagnosticadas com anorexia também experimentavam episódios bulímicos. (Busse e Silva, 2004: 34)

Para atingir seu objetivo de magreza, pessoas com anorexia recorrem à restrição alimentar severa, utilizando-se de jejuns, atividades físicas prolongadas, indução de vômitos e, em alguns casos, o uso de medicamentos como laxantes, diuréticos e moderadores de apetite. A perda de peso é acentuada e, em casos de restrição prolongada, algumas funções do organismo são comprometidas. Anoréxicos apresentam, na maioria das vezes, Índice de Massa Corpórea⁵ (IMC) menor que 18,5 (valor considerável saudável pelos médicos). A taxa de mortalidade é a mais alta entre os transtornos psicológicos. Para a maioria dos estudiosos, esse valor estaria entre 4 e 30%. (Busse e Silva, 2004: 35)

Já a bulimia é caracterizada pela perda de controle na relação com os alimentos. A pessoa apresenta frequentes episódios de ingestão compulsiva de comida em reduzido período de tempo. O descontrole é seguido pelo retorno da preocupação com o peso, que traz consigo culpa e vergonha pelo ocorrido. Diante disso, o bulímico tende a procurar métodos para se livrar do alimento ingerido, como o vômito forçado, o uso de laxantes e os exercícios compulsivos. Tal qual na anorexia, a comida toma dimensão controladora na vida do paciente, que procura se isolar do convívio social para exercer seus comportamentos peculiares secretamente. (Nakamura, 2004: 16)

O transtorno do comer compulsivo também é caracterizado por episódios de ingestão compulsiva de alimentos e está frequentemente associado à obesidade. O que o diferencia da bulimia nervosa é a aparente despreocupação com a imagem corporal. Comer quantidades exageradas torna-se mais importante que o resultado estético que este ato pode acarretar. A obesidade também é considerada uma doença, porém os critérios para diagnosticá-la variam. A classe médica encontra dificuldades para estabelecer uma fronteira clara entre peso saudável, sobrepeso e obesidade (ela própria com diversos graus), pois este critério deveria levar em consideração uma avaliação personalizada do paciente.

⁵ O Índice de Massa Corpórea é o critério utilizado pela Organização Mundial de Saúde para definir a obesidade. O valor é obtido através de uma equação matemática que divide o peso (em quilogramas) pela altura ao quadrado (em centímetros).

A anorexia acomete predominantemente mulheres. “Sua ocorrência é, comparativamente, 8 a 10 vezes maior no sexo feminino do que no masculino.” (Busse e Silva, 2004: 35) Para a bulimia, estima-se proporção semelhante: 9 mulheres para cada homem. No Brasil, uma das referências no tratamento de transtornos alimentares é o Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Ambulim). Segundo estatísticas da entidade, estima-se que, ao longo da vida, entre 0,5 e 4% das mulheres terá Anorexia Nervosa, de 1 a 4,2% Bulimia Nervosa e 2,5% transtorno do Comer Compulsivo. Quadros mais leves, que não preenchem todos os critérios para a doença, mas que marcam uma profunda insatisfação com o corpo, busca incessante de dietas e cirurgias plásticas, eventuais usos de recursos extremos para emagrecer (vomitar, usar laxante, diuréticos, moderadores de apetite e exercício físico compulsivo) podem abranger 15% das mulheres⁶.

3.2 CONSIDERAÇÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Nas sociedades humanas, o processo de alimentação, em todas as suas fases (cultivo dos alimentos, colheita, preparação e consumo) não é definido apenas por suas características fisiológicas, como a fome, a sede e a saciedade. Para além disso, é vinculado às experiências socioculturais, visto que, em diversos grupos humanos, existem orientações quanto a alimentos puros e impuros, proibidos e permitidos, períodos de jejum, entre outras práticas.

“Portanto, por meio dos alimentos e das representações sobre o corpo, a antropologia revela essencialmente como as sociedades se organizam, vivem e se tornam viáveis, remetendo à compreensão dos processos socioculturais, e não apenas individuais, da saúde e da doença.” (Nakamura, 2004: 25)

⁶ http://www.ambulim.org.br/transtornos_alimentares.php

O padrão de beleza praticado nas sociedades ocidentais também é apontado como um dos fatores de influência nos casos de transtornos alimentares. Na maior parte das culturas, “o conceito de beleza encontra-se ligado ao de perfeição, com um afastamento marcante dos traços que, usualmente, poderiam estar ligados à animalidade.” (Assumpção Jr., 2004: 1) Por outro lado, as deformações, as doenças físicas e mentais, a velhice e o albinismo são considerados, em grande parte dos povos, como atributos que diminuem o interesse erótico de possíveis parceiros, tornando seu portador, assim, menos bonito. Além de especificidades corporais, outros fatores como a moda e os gostos compõem o conjunto do sujeito classificado ou não como belo.

No antigo Egito, a beleza feminina já era valorizada com artifícios de maquiagem, especialmente na área dos olhos. Já na Grécia, o padrão era o rosto harmônico, de formas simétricas, adornado com enfeites também dispostos em harmonia. A Idade Média trouxe à tona a “imagem feminina branca e pura como o lírio, com o corpo virginal e delicado, esguio e gracioso com ombros ligeiramente caídos, busto comprido, membros longos, pés grandes, quadris arrebitados, ventre arredondado e proeminente sob uma cintura fina.” (Assumpção Jr., 2004: 6) A silhueta delgada fazia conjunto com rosto de traços regulares, olhos azuis, lábios vermelhos e cabelos louros.

Datam ainda desta época dominada pela influência da Igreja Católica registros de auto-sacrifício, com casos de pessoas que se alimentavam somente da Eucaristia e praticavam a abstinência sexual. Este perfil corresponde à imagem de muitas santas medievais encontradas até hoje nas igrejas.

O Renascimento volta a glorificar as formas do corpo feminino, retomando a valorização clássica de formas harmônicas. Adotam-se critérios matemáticos de proporcionalidade das medidas, como “o nariz do mesmo comprimento que os lábios, a soma

da medida das orelhas igual ao tamanho da boca aberta e a altura do corpo corresponde a oito vezes o tamanho da cabeça.” (Assumpção Jr., 2004: 7)

O período seguinte, a Reforma, trouxe à tona o moralismo e a repulsa por tudo que fosse relacionado ao desejo e à estética. A moda esconde o corpo, reforçando a imagem de mulher pudica. Já a Contra-Reforma exibiu o esplendor do Império Francês, no qual Versalhes tornou-se o centro da moda no continente europeu. A regularidade dos traços perde importância, dando espaço para a alegria do temperamento, seios fartos, porte de cabeça aprumado e olhos negros e vivos.

Com o movimento romântico entram em cena várias características até hoje valorizadas como ideal de beleza ocidental. As mulheres admiradas nesta época são pálidas e flexíveis, de natureza espectral. “Para atingir esse ‘ideal’ as mulheres chegavam a deixar de se alimentar, a ponto de desmaiar.” (Assumpção Jr., 2004: 8) Já podemos observar aí, portanto, sinais da anorexia nervosa, tal como a vemos em nossos dias.

No século XIX, ao contrário, a admiração recai sobre as matriarcas da burguesia: mulheres roliças e corpulentas, com coxas redondas, cintura grossa, seios fartos (como símbolo da mãe de família). Este ideal de mulher do dia-a-dia não combinava com maquiagem, o que deixou este tipo de artifício pouco usado durante o período. A idealização burguesa perdurou até a primeira década do século XX, embora date desta época a popularização do espartilho, acessório que apertava a cintura – a ponto de algumas moças chegarem a desmaiar – realçando, assim, seios e nádegas.

A introdução do sutiã, nos anos 1910, faz com que o espartilho seja gradualmente abolido. Popularizam-se os cabelos curtos e os maiôs. A maquiagem volta à cena. Os anos seguintes, dominados por ditaduras no continente europeu, “produzem mulheres submetidas a regimes de emagrecimento” (Assumpção Jr., 2004: 9), modelo que permanece até a Segunda Guerra Mundial, na década de 1940.

Os anos 50 valorizam a elegância e a oposição entre a dona de casa austera e a pin-up sedutora, que ameaça as famílias bem constituídas. Surgem mitos como Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, que misturam sedução e ingenuidade. Já a década de 60 traz a explosão do feminismo e o movimento hippie, com suas mensagens de paz e liberação sexual. Ocorre a valorização da juventude e do corpo, “com seios soltos sob as blusas, regimes de emagrecimento e exercícios de musculação.” (Assumpção Jr., 2004: 10) É nesta época também que ganha destaque a modelo Twiggy (de twig, graveto em inglês). Muito magra e de feições andróginas, preconizou um modelo de beleza que viria a influenciar os anos seguintes.

“A década de 1980 vê surgir a supermulher, que cuida excessivamente do visual e de sua aparência. Ela é alta, seios altos, pernas compridas, abdome firme e pele bronzeada. Em suma, é jovem e musculosa, tornando-se assim um impiedoso modelo para as gordinhas.” (Assumpção Jr., 2004: 10)

Exigia-se da mulher a perfeição na multiplicidade de papéis conquistados após o movimento feminista. Ser esposa e mãe e, além disso, ter uma carreira e atingir o ideal de beleza. A década de 90 ainda mantém essa cobrança, e exhibe nas passarelas modelos cada vez mais jovens e magras, com formas pouco diferenciadas e rosto andrógino e infantil. O ideal de magreza é difundido por vários continentes.

“Tal globalização torna-se de tal maneira importante que se desfazem as fronteiras regionais e culturais e os estereótipos se difundem de tal maneira que se institui um padrão global, muitas vezes inconcebível para as regiões em que se deseja copiá-los. Enfim, ‘compra-se’ uma aparência da mesma maneira que roupas ou outros acessórios, ficando o corpo definido como mais uma categoria de consumo.” (Assumpção Jr., 2004: 10-11)

O capitalismo se desdobra para atender às demandas estéticas. O mercado de cirurgias plásticas, tratamentos corporais e faciais, academias de ginástica e spas cresce a cada ano, explicitando o ideal de juventude. Os corpos são esculpidos artificialmente por esse

mercado para atingir um aspecto cada vez mais sexualizado, com a silhueta esguia, contrastando com as curvas dos seios e quadris.

Os transtornos alimentares tornaram-se mais evidentes nas sociedades ocidentais ao longo do século XX. Ao contrário do consumo motivado pela necessidade, a avidez contemporânea por produtos novos num intervalo cada vez menor de tempo revela-se como uma distração para as crises de identidade causadas pela pós-modernidade, desviando-nos de encarar a condição humana finita através da valorização do corpo, das sensações e da novidade. (Andrade e Bosi, 2003, Bauman, 2001).

“A cultura determina certos comportamentos e hábitos alimentares, assim como as representações sobre o corpo e os padrões estéticos que o tornam socialmente aceito, e nesse movimento imprime sua marca nos indivíduos, ao mesmo tempo que define sua possível integração ou seu estigma social.” (Nakamura, 2004: 21)

Com isso, abriu-se espaço para o comércio de experiências e apelos aos sentidos, através do consumo. A aquisição de produtos e serviços se dá, em muitas das vezes, através da satisfação de impulsos momentâneos e até mesmo frívolos, em contraste com o desejo de expressão de certas características pessoais ou de classe social, como acontecia até poucas décadas.

“Estamos vivendo a apoteose da sedução. A publicidade libertou-se da racionalidade argumentativa, pela qual se obrigava a declinar a composição dos produtos, segundo uma lógica utilitária, e mergulhou num imaginário puro, livre da verossimilhança, aberto à criatividade sem entraves, longe do culto da objetividade das coisas.” (Lipovetsky, 2004)

Para isso, “aos consumidores não se deve permitir que ‘acordem’ de seus ‘sonhos’, então os promotores de bens devem ‘trabalhar duro’ para assegurar uma ‘mensagem’ consistente.” (Bauman, 2001) E é nos fluxos da rede mundial de computadores

que boa parte deste capital imaterial, ou seja, destas idéias, serviços e experiências, é idealizada, criada, difundida e transformada em material de consumo.

3.3 ANA E MIA NA INTERNET

A internet, por seu próprio caráter descentralizado e não-regulamentado, tornou-se um meio de comunicação propício ao encontro de pessoas com interesses comuns, dos mais variados tipos. Com isso, abre-se espaço nos fluxos informacionais da rede para os mais diversos tipos de pensamentos, ideologias e grupos, que aí encontram os meios para se expressar e localizar partidários das mesmas causas em qualquer lugar do mundo.

A alegação da busca de um corpo ideal é um dos motivos citados por milhares de pessoas, na maioria mulheres jovens, que adotam comportamentos classificados pela medicina como transtornos alimentares – particularmente a anorexia e a bulimia – como “estilos de vida”. Dizendo-se adeptas da frase “os fins justificam os meios”, elas praticam a recusa à comida e/ou a purgação do alimento ingerido como formas de atingir um tipo físico compatível com certo padrão de beleza, seja ele o divulgado pela sociedade ou, mais frequentemente, um padrão auto-imposto de magreza extrema.

Protegidas pelo anonimato da rede, as seguidoras da Ana e da Mia (apelidos carinhosos dados, respectivamente à anorexia e à bulimia) encontraram em blogs, fóruns e sites de relacionamento lugares nos quais poderiam falar sobre uma parte de suas vidas que, na maioria das vezes, é vivida em silêncio: a relação complicada com a alimentação e a imagem corporal.

Assim, surgiu o movimento pró-anorexia e pró-bulimia na internet, no ano 2000. Inicialmente difundida nos Estados Unidos e Inglaterra, a tendência não demorou a chegar a outros países, como acontece com quase tudo na atual cultura globalizada. No Brasil, os blogs

pró-ana/mia apareceram em 2002. Dois anos mais tarde, com a criação e popularização do site de relacionamentos Orkut, foram criadas comunidades virtuais para reunir as bulímicas e anoréxicas, tanto aquelas que estão em tratamento quanto as que querem continuar nestas condições.

3.4 PERFIL DOS MEMBROS

Já na fase inicial de pesquisa, algumas características do movimento analisado são delineadas, permitindo-nos identificar um perfil padrão entre as pessoas que acessam os sites pró-ana e pró-mia. A grande maioria é composta de mulheres. A participação de homens nestas comunidades é bastante reduzida, porém existente. Isso reflete a própria estatística dos transtornos alimentares, que revela que, dentre os pacientes, apenas 10% são do sexo masculino. A maior incidência desses distúrbios nas mulheres é atribuída a fatores hormonais, sociológicos, psicológicos, e bioquímicos, como a maior propensão feminina a distúrbios do metabolismo de serotonina.

A maior parte dos acessos é de jovens, particularmente na fase os 13 e os 17 anos de idade. Como, essencialmente, as usuárias destas páginas e comunidades virtuais se apresentam com um perfil falso, para não serem facilmente identificadas por amigos e parentes, esta observação é feita com base na idade informada em seus blogs e perfis. Além disso, indícios de adolescência podem ser verificados na escrita tipicamente “internética”, com diminutivos, abreviações, letras repetidas e formatações destacadas, como negrito, itálico e fontes coloridas. Com frequência aparecem nos perfis fotografias de ídolos *teen*, particularmente os que já tiveram algum histórico de transtornos alimentares, como a cantora Anahí, do grupo RBD, e a atriz Nicole Richie.

3.5 INSPIRAÇÕES MAGRAS

A inspiração por celebridades é outro traço marcante. Muitas afirmam que a sociedade lhes impõe que sejam magras, que vêm dia após dia que só as magras conseguem popularidade, respeito, sucesso amoroso e aceitação. Como exemplo disso, estampam em seus espaços virtuais imagens de atrizes e modelos donas de corpos – e, conseqüentemente, de modos de vida – perfeitos. Embora as mulheres idolatradas possam variar um pouco, dependendo da nacionalidade da blogueira, algumas como Angelina Jolie e Victoria Beckham são praticamente unanimidades. Os homens também têm seus “musos” inspiradores: famosos magros como Daniel de Oliveira (especialmente na interpretação de Cazuzu, no filme de mesmo nome) e Daniel Radcliffe, intérprete do bruxo Harry Potter no cinema. Popular também é a tatuagem de Angelina Jolie com os dizeres latinos *quod me nutrit, me destruit* – em português, o que me alimenta me destrói. Várias garotas relatam o desejo de tatuar em seus corpos a mesma frase, algumas realmente o fizeram.

Juntamente com as fotografias, os lemas compõem parte importante das chamadas *thinspirations*, as inspirações de magreza postadas na rede. Frases como “se é saboroso, está tentando te matar”, “um minuto na sua boca, a vida toda no seu quadril” e “um corpo imperfeito reflete uma pessoa imperfeita” demonstram, ao mesmo tempo, profunda insatisfação com o corpo que possuem e a obsessão pelo que o corpo pode vir a se tornar, seguindo este estilo de vida. Sentenças como essas viram títulos de blogs, posts, comunidades, e são mescladas a fotografias de pessoas magras em vídeos motivacionais compartilhados online.

Até um objeto de identificação foi criado para que possam reconhecer-se no meio da multidão. As anas, partidárias da anorexia, usam pulseiras vermelhas, feitas com miçangas, fitas ou qualquer outro material. As mias, favoráveis à bulimia, pulseiras roxas. Os acessórios

passam despercebidos para quem não conhece o significado, mas garantem à usuária que, uma vez que aviste no shopping ou na escola alguém com uma pulseira semelhante, pode trocar um olhar de cumplicidade ou até mesmo receber, numa situação difícil, o mesmo apoio tantas vezes encontrado somente no mundo virtual. Outra utilidade atribuída ao acessório é servir como um lembrete do compromisso com a Ana e a Mia. A orientação de algumas garotas é colocar a pulseira na mão usada para abrir a geladeira. Assim, ao olhar para a bijuteria, reafirmariam sua recusa à comida e desistiriam da refeição.

3.6 MAGREZA E MORTE

O padrão de magreza extrema é considerado o ideal, embora reconheçam que ele desagrada a muitos. Frases como “não importa o que falem, vou atingir minha meta” são bem comuns nas comunidades virtuais. A opinião de familiares, amigos e parceiros amorosos, de que elas já estariam magras demais, são consideradas meras tentativas de demovê-las de seus objetivos. Nas comunidades pró-ana e mia, ao contrário, tais pessoas encontram exatamente o que gostariam de ouvir: frases como “nunca se está magra demais” e incentivos para deixar “os ossinhos aparecerem” funcionam como combustível para a luta incessante contra a comida. Os objetivos de peso são quase irreais. Muitas garotas almejam pesar por volta de 35 quilos. A insatisfação constante é uma marca nos perfis observados. Por mais baixo que seja o peso, uma vez atingido, uma nova meta é estabelecida e a busca continua.

Sintomas como fraqueza, tontura e desmaios são valorizados como indícios de vitória. A comunidade *Estar fraca é ser forte* reúne 260 membros com a seguinte descrição: “Depois de dias de LF, ou (principalmente) NF, bate aquela tontura, você perde o equilíbrio, a vista escurece, dá uma fraqueza... Só mostra o quanto você foi forte por ter agüentado até ali!”

“Honey

qnd eu acho q vou desmaiar me da uma doh de comer e estragar minha tonteira! espero ate estar completamente branca, dentro dos olhos BRANCOS pra comer, tenho mta doh de estragar minha tonteira deliciosa.

Cinde

eu tmb amooooo eh sinal q estou emagrecendo e quando ja nao sinto os sintomas de tontura e frsqueza fico triste ou com raiva pq nao estou emagrecendo como deveria...”⁷

A morte, que acomete cerca de 10% dos pacientes diagnosticados com estes transtornos alimentares, é considerada uma consequência indesejada, mas não um empecilho. Pessoas mortas em decorrência de anorexia e bulimia, como a modelo Ana Carolina Reston, falecida em 2006 com peso corporal de 40 quilos, são reverenciadas por muitas como “mártires da causa”. Os tópicos de discussão demonstram que a grande maioria das anoréxicas e bulímicas tem consciência de que o mesmo pode vir a acontecer a elas, mas a declaração mais freqüente é a disposição para “morrer lutando”.

3.7 NO ESPORTE

Nas últimas décadas os transtornos alimentares ganharam visibilidade devido a seu caráter letal. Além das modelos, outro setor que apresenta grande suscetibilidade ao problema é o esportivo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, países utilizavam os Jogos Olímpicos como metáfora da Guerra Fria. Se a superioridade sobre o rival não era mais mostrada pelo poder militar, poderia ser notada nos quadros de medalhas, nos quais capitalismo e socialismo competiam pelo ouro.

Nesse cenário, atletas passaram a ser cada vez mais cobrados por seu desempenho. O uso de anabolizantes começa a se difundir, ainda que em segredo. Em modalidades como a ginástica, a melhora nos resultados pode depender de agilidade e leveza.

⁷ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=33991925&tid=2537445311074018261>

Ou seja: muitos praticantes eram estimulados a perder cada vez mais peso. A romena Nadia Comaneci, mundialmente reconhecida por ser a primeira a conseguir uma nota 10 perfeita, pesava 40 quilos na ocasião do feito, nos Jogos de Montreal, em 1976. Ela tinha 14 anos na época e confessou, anos depois, ser vítima de desordens alimentares. (Segatto; Padilla; Frutuoso, 2006: 99)

Já do lado capitalista, um caso notório foi o de Cathy Rigby, ginasta norte-americana da equipe das Olimpíadas de 1968, no México. O bom desempenho, aos 16 anos, contribuiu para a popularização da ginástica nos Estados Unidos. Já na década de 80, a atleta começou a falar publicamente sobre os 12 anos em que sofreu de bulimia. Após dois ataques cardíacos atribuídos à doença, Cathy hoje dá palestras motivacionais e esclarecimentos a respeito de transtornos alimentares.⁸

Já em 1994, mais uma ginasta dos Estados Unidos morreu em decorrência da anorexia. Christy Henrich tinha 17 anos quando um juiz a alertou de que deveria perder peso. Aparentemente, a atleta levou este comentário – bem como outros similares de sua comissão técnica – muito a sério. Ela desenvolveu anorexia nervosa, o que a impediu de continuar os treinos. Foi hospitalizada e morreu aos 22 anos e cerca de 27 quilos, de falência múltipla dos órgãos.

No Brasil, a surfista Andréa Lopes exibiu as curvas na capa da revista Playboy em 2007, aos 33 anos. O corpo “sarado” esconde a história da atleta que sofreu de anorexia entre 1994 e 1995, quando chegou a pesar 38 quilos. Em entrevista⁹, ela conta que o comportamento obsessivo com o peso teve início em meio a viagens para campeonatos internacionais de surfe. Em decorrência do emagrecimento extremo, ficou quase dois anos sem menstruar e teve de ouvir boatos sobre uma possível contaminação pelo vírus da AIDS.

⁸ <http://www.keplerspeakers.com/speakers/speakers.asp?Cathy+Rigby>

⁹ <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1374705-EI715,00.html>

Andréa percebeu a doença a tempo e decidiu se tratar mas, para isso, teve que abrir mão temporariamente da vida sobre as ondas.

A competitividade esportiva – e a imagem “ideal” de um homem magro, com músculos definidos – também leva homens a desenvolver distúrbios alimentares. Apesar de serem apenas 10% dos pacientes, um número cada vez maior de homens é diagnosticado com anorexia, bulimia ou transtorno do comer compulsivo. Por representar essa minoria estatística o gênero masculino muitas vezes não recebe o diagnóstico correto, já que muitos critérios são desenvolvidos para aplicação em mulheres.

De acordo com Tina Bonci, autora do documento que determina a posição da Associação Nacional de Treinadores Atlético (EUA) sobre transtornos alimentares, é necessária mais informação para aqueles que supervisionam atletas, especialmente em escolas, que seriam o estágio ideal para identificar esportistas com potencial ou que já desenvolveram distúrbios alimentares.¹⁰

3.8 NAS PASSARELAS

A indústria da moda sempre foi a vitrine do padrão de beleza vigente em determinada época (daí a denominação *modelos*, que já pressupõe algo a ser seguido). Desde o início do século, tornou-se visível a mudança de valores no que diz respeito ao ideal de corpo feminino. De acordo com pesquisas norte-americanas, em 1965, as modelos pesavam 8% menos que a média das mulheres. Hoje, o peso das moças que são o exemplo seguido por muitas outras é cerca de 23% menor que a média da população feminina.

¹⁰ <http://news.medill.northwestern.edu/chicago/news.aspx?id=114097>

A modelo Kate Moss, estrela do estilo *heroin chic*¹¹ dos anos 90, desmente as notícias de que teria sofrido de anorexia, apesar de ter chegado aos 43 quilos e ter sido hospitalizada. Em uma entrevista de 1998 para o documentário *Models up close*, ela diz que já foi acusada de “tudo sob o sol. Anorexia, primeiro. Depois, o fumo. Depois, a heroína.”¹² Além dos ensaios fotográficos em que aparecia maquiada como dependente química, os boatos sobre drogas tiveram origem em outros escândalos, como fotos em que a modelo aparecia cheirando cocaína. Ela atribui os boatos de anorexia à mídia que, na época, estava acostumada a modelos mais curvilíneas, como Cindy Crawford¹³.

A anorexia esteve especialmente em pauta no Brasil no ano de 2006. A morte da modelo Ana Carolina Reston, de 21 anos, em decorrência do problema, foi amplamente divulgada pela mídia e chamou a atenção da sociedade. A moça de 1,72 m de altura pesava, então, 40 quilos, 20 abaixo do que seria considerado normal para sua estatura. Seu Índice de Massa Corporal (IMC) era de 13,5, bem abaixo do valor de 18,5 considerado saudável pela Organização Mundial de Saúde.

Ana Carolina estava numa fase profissional difícil, com poucos trabalhos. Após conseguir um contrato no Japão, desmaiou durante uma sessão de fotos e foi trazida de volta ao Brasil. Recusou-se a aceitar tratamento psicológico, como fazem muitos acometidos por transtornos alimentares, que permanecem durante muito tempo negando sua condição.

Em outubro de 2006, ela começou a sentir fortes dores nos rins. Foi diagnosticada uma infecção que, dias depois, se espalhou pelo corpo devido à baixa imunidade do corpo desnutrido. Além dos rins, médicos encontraram também um fungo que atacou os pulmões.

¹¹ Tendência em alta nos ensaios fotográficos dos anos 90. Retratava modelos extremamente magras, descabeladas e com olheiras, como se fossem viciadas em drogas.

¹² <http://www.glamour.com/fashion/blogs/slaves-to-fashion/2008/10/kate-moss-talks-anorexia-heroi.html>

¹³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Kate_Moss

Os órgãos não resistiram e a modelo, que chegou a posar para grifes famosas como a francesa Dior, faleceu.¹⁴

Nos meses que se seguiram à morte de Ana Carolina, três outras mortes de mulheres por anorexia foram noticiadas pela mídia. Carla Casalle foi estudante de moda mas, na ocasião do falecimento, aos 21 anos, cursava psicologia. Lutava contra a anorexia há cinco anos e teve uma parada cardíaca¹⁵. A manicure Rosana de Oliveira tinha 23 anos e há três foi diagnosticada como anoréxica, quando foi flagrada pelo irmão escondendo a comida mastigada em sacos plásticos embaixo da cama. Entrou em coma e estava quase fora de perigo quando contraiu uma virose que ocasionou parada cardíaca. Faleceu com 1,68 metro de altura e 38 quilos.¹⁶ Outra vítima foi Beatriz Bastos, de 23 anos. A garota, que havia sido obesa na adolescência, começou a controlar obsessivamente a alimentação. Perdeu mais da metade dos 100 quilos que tinha e, ainda assim, continuou com comportamentos alimentares restritivos. Hospitalizada, chegou a pesar 27 quilos e morreu, após duas paradas cardíacas.

No Uruguai, duas modelos irmãs morreram num intervalo de seis meses, ambas de parada cardíaca. Luisel Ramos, 22 anos, faleceu na passarela em agosto de 2006. Ela desfilava na Semana de Moda, em Montevideu, e caiu no fim da apresentação da primeira coleção, quando se dirigia ao camarim para trocar de roupa. Médicos que estavam no local tentaram socorrer a moça, mas não conseguiram reanimá-la. Em entrevistas, o pai declarou que ela estava há dias sem comer.¹⁷

Em fevereiro de 2007, a irmã mais nova de Luisel, Eliana, de 18 anos, foi encontrada morta na casa dos avós. Ela era modelo desde os 16 e, tal qual a irmã, havia perdido peso rápido nos meses anteriores ao falecimento. A alegação dos médicos, de ataque

¹⁴ <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2006/11/15/286645820.asp>

¹⁵ <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1421424-5598,00.html>

¹⁶ <http://www.opovo.com.br/opovo/brasil/652475.html>

¹⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u63071.shtml>

cardíaco, levantou suspeitas de que a morte tenha sido causada por anorexia nervosa, num episódio semelhante ao de Luisel.¹⁸

3.9 CELEBRIDADES

A cantora Karen Carpenter esteve em várias paradas de sucesso da década de 70 com a banda Carpenters¹⁹, da qual fazia parte junto com o irmão. Karen era magra e sempre fazia dietas. Em 1975, a anorexia se manifestou pela primeira vez, obrigando-a a cancelar apresentações no Reino Unido e no Japão. Ela estava exausta e enfraquecida. Em 1982, começou o tratamento com o psicoterapeuta Steven Levenkrom. Apresentou relativa melhora e ganhou 5 quilos em uma semana. Porém, em 4 de fevereiro de 1983, aos 32 anos, Karen morreu em consequência de uma parada cardíaca.

A lista de famosas com transtornos alimentares não é pequena. Nem a realeza escapa. Já no século XIX, a imperatriz Elizabeth da Áustria era depressiva e obcecada com o peso, numa época em que a magreza nem era o estereótipo padrão. A princesa Caroline de Mônaco foi mais uma que sofreu de anorexia, abatida por um casamento anulado e uma viuvez. Desilusão amorosa também pode ter desencadeado o quadro anoréxico da princesa Vitória, da Suécia, em 1998. A princesa Diana chamou de “mal secreto” a anorexia e a bulimia que enfrentou em meados da década de 80.

Na música, além de Karen Carpenter, muitas outras celebridades sofreram com os distúrbios alimentares. A cantora canadense Alanis Morissette, no início da carreira, foi chamada na gravadora e orientada a emagrecer porque “não faria sucesso se fosse gorda.” Ela teve anorexia e bulimia dos quatorze aos dezoito anos, impulsionada pela pressão dos empresários pela imagem perfeita. Na época, alimentava-se de cenouras, café e torradas.

¹⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u60917.shtml>

¹⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carpenters>

Superou o problema com a ajuda de terapia que, segundo ela, foi “um longo processo para reprogramar o cérebro.”²⁰

Do grupo pop britânico Spice Girls, composto por cinco integrantes, duas têm histórico divulgado de transtornos alimentares. Geri Halliwell, conhecida pelo apelido Ginger Spice, admitiu comer compulsivamente e sofrer de bulimia por anos. Ela aconselha a quem tiver o problema para que procure ajuda. A cantora escreveu um livro autobiográfico chamado *Just For The Record*²¹, no qual relata, entre outros fatos de sua vida, a luta contra os transtornos alimentares.

A colega de banda de Geri, Victoria Beckham, conhecida na banda por Posh Spice, revelou ter sofrido com distúrbios alimentares no início da carreira como Spice Girl, por pressão dos empresários para que permanecesse magra. Ela disse que as garotas da banda trocavam dicas de dietas e incentivos para comer menos. Victoria também escreveu um livro, intitulado *Learning To Fly*, no qual fala sobre sua obsessão com a aparência e descreve sua luta contra a doença.

A cantora do grupo mexicano adolescente RBD, Anahí Portillo, ficou doente em 1999, quando deixou de comer devido ao excesso de trabalho. Ela teve distúrbios alimentares durante dois anos, foi hospitalizada e teve uma parada cardíaca que durou oito segundos. Depois disso, aceitou o tratamento e hoje declara que convive bem com o problema.

Entre os homens, o cantor e compositor britânico Elton John apresentou episódios crônicos de bulimia, mas hoje se diz curado. Também o vocalista da banda Silverchair, Daniel Johns, começou a ter aversão por comida em 1997. Para ele, isso foi resultado de sua conflituosa relação com o sucesso. Uma de suas músicas mais famosas "Ana's Song", relata

²⁰ http://en.wikipedia.org/wiki/Alanis_Morissette

²¹ <http://www.amazon.com/Just-Record-Geri-Halliwell/dp/0091888042>

sua luta contra a anorexia, e é utilizada como inspiração em diversas comunidades pró-ana e mia na Internet.²²

Em Hollywood, são muitas as atrizes com histórico de desordens alimentares. De Jane Fonda, símbolo sexual dos anos 60, até as mais jovens como Christina Ricci e Mary Kate Olsen, que começaram nas telas ainda crianças. A última foi internada para tratamento de anorexia após meses de especulação da mídia sobre sua magreza excessiva. A atriz comemorou sua recuperação doando todas suas roupas que não serviam mais, simbolizando a decisão de não mais voltar ao estado de magreza extrema.

A atriz Lindsay Lohan já esteve diversas vezes nos tablóides por seu envolvimento em polêmicas. Correlações entre seu corpo muito magro e distúrbios alimentares são constantes. Embora admita ter sofrido de bulimia e anorexia entre 2004 e 2005, quando teve fraqueza e problemas no fígado e rins, Lindsay nega recaídas atuais, dizendo que seu apetite está normal.

No Brasil, país mundialmente conhecido pela beleza feminina, os transtornos alimentares também fazem vítimas famosas. A atriz Deborah Evelyn, por exemplo, sofreu de anorexia dos 14 aos 17 anos, devido a “angústias próprias da fase”. Ela diz que não se considerava doente, mas aceitou fazer análise por orientação da mãe, preocupada com seu emagrecimento rápido. Hoje a atriz opta por uma alimentação saudável, mas diz ter uma relação normal com a comida.²³

A atriz Cássia Kiss foi acometida pela bulimia, e escondeu o problema durante onze anos. Em entrevista²⁴, ela atribui o transtorno alimentar à insegurança e baixa auto-estima, que faziam com que ela tivesse episódios compulsivos e depois provocasse o vômito. A atriz afirma que conseguiu controlar a doença quando ficou grávida do primeiro filho, em 1994.

²² <http://blogs.abril.com.br/doctornutri/2009/01/anorexia-bulimia-entre-famosos.html>

²³ <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG1350075-6129,00.html>

²⁴ <http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG1599634-6129,00.html>

3.10 REPERCUSSÕES NA MÍDIA

São muitas as reportagens sobre transtornos alimentares que vemos em revistas, sites, blogs e telejornais. Isso ocorre especialmente quando há um “gancho” factual, como uma morte ocasionada por anorexia. Em 2006, com a morte da modelo Ana Carolina Reston, amplos debates foram realizados nos meios de comunicação, alertando para os perigos da anorexia. Foi nesta época, também, que os sites pró-ana e mia foram “revelados” ao grande público, por meio de reportagens.

No mesmo ano, os transtornos alimentares foram levados ao horário nobre da TV brasileira na novela *Páginas da Vida*, de Manoel Carlos. A personagem Gisele, vivida pela atriz Pérola Faria, era uma adolescente pressionada pela mãe (ela própria com tendências anoréxicas e, coincidência ou não, interpretada pela atriz Deborah Evelyn) a fazer balé e manter o corpo em forma. A menina tinha crises de alimentação compulsiva e depois se trancava no banheiro de casa, da escola ou de onde estivesse para vomitar. Ela passou a sofrer dores no estômago e, após admitir que precisava de ajuda, foi internada.

A intenção era ajudar, expor o problema e propor debates. Mas nem todos ficaram satisfeitos com a exposição de uma paciente bulímica na novela. Em comunidades pró-mia, vários membros reclamaram de que, com Gisele na TV, suas táticas para ocultar o problema seriam descobertas. Pais e mães, em alerta após diversas matérias na mídia, prestariam mais atenção em cada passo dos filhos e, com isso, descobririam a ana e a mia mais facilmente.

Em 2007, uma campanha publicitária na Itália trouxe à tona novamente o tema das desordens alimentares. O publicitário Olivieri Toscani produziu, para a grife de roupas Nolita, anúncios em jornais e outdoors que estampavam uma modelo anoréxica nua e o slogan “No Anorexia”, ao lado da marca patrocinadora. A campanha foi elogiada por uns, por alertar

para o problema, mas alvo de críticas por parte de muitos. Para os críticos, a foto era esteticamente violenta e promovia a “mercantilização de um problema social”, por estar associada a uma grife de roupas.

3.11 REPERCUSSÕES LEGAIS

Com a anorexia em pauta nos noticiários, o debate chegou também aos legisladores de diversos países. Em abril de 2008, a Câmara dos Deputados da França aprovou um projeto de lei que torna ilegal incitar publicamente o excesso de magreza, encorajar a perda severa de peso e divulgar métodos para passar fome. O objetivo seria combater sites pró-ana e mia que teriam aparecido no país nos últimos anos. A lei prevê multa de 30 mil euros para quem for considerado culpado de estimular outros a colocar a saúde em risco em nome da magreza excessiva. Em caso de morte por anorexia, o culpado está sujeito a pena de três anos na prisão e multa de 45 mil euros. A lei sofreu críticas por parte da indústria da moda, que alega não haver critérios exatos para definir em que ponto o baixo peso passa a comprometer a saúde.²⁵

Antes disso, em 2006, a organização da Semana de Moda de Madrid tomou medidas para evitar que as modelos fossem “maus exemplos” para o público: proibiu o desfile daquelas que tinham o IMC menor que 18, valor considerado saudável pela Organização Mundial de Saúde.²⁶ Posicionamento contrário à anorexia foi tomado também no ano seguinte, em outro pólo reconhecido no mundo da moda. Na Semana de Moda Outono/Inverno 2007/08 de Milão proibiu que se apresentassem modelos com idade inferior a 16 anos e IMC inferior a 18,5.

²⁵ <http://200.226.127.52/artigos.asp?cod=481MON015>

²⁶ <http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~15637~n~pasarela+cibeles+diz+nao+a+anorexia.htm>

O evento foi ainda mais longe: roupas de tamanho equivalente ao 36 brasileiro foram retiradas das araras. Todas as modelos tinham corpos “normais” e vestiam manequins entre 38 e 42. O camarim recebeu a visita de um grupo de cozinheiros. Eles tiraram fotos com as modelos, com a mensagem de que comer faz bem à saúde. Em meio aos desfiles, foram distribuídas cartilhas para o público, com orientações sobre estilo de vida saudável e alertas de como reconhecer sinais de anorexia e bulimia.²⁷

Iniciativas como estas ganharam força também no Brasil. Em Santa Catarina, a lei proíbe a participação de modelos com IMC inferior a 18,5 em desfiles de moda. Antes de desfilar no Estado, exige-se das modelos atestado médico que comprove o IMC. As agências que descumprirem a lei estão sujeitas a multas, que podem variar de R\$ 10 mil a R\$ 50 mil. A medida tem como objetivo restringir a participação nas passarelas a moças saudáveis. Na época da elaboração do projeto, em 2007, até a top model Gisele Bündchen — com IMC de 18.43 — ficaria impedida de fazer parte dos eventos de moda catarinenses.²⁸

3.12 DA PARTE DOS WEBSITES

Em 2001, ainda no início da expansão das páginas pró-ana e mia, o site Yahoo recebeu uma carta da Associação Nacional de Anorexia Nervosa e Desordens Associadas (ANAD, na sigla em inglês) solicitando a retirada destes sites do serviço na época chamado Yahoo Clubs (hoje Yahoo Groups). De acordo com a entidade, os grupos estimulam o autoflagelo, violando os termos de serviço.

Seis anos depois, em 2007, a Microsoft fechou quatro sites espanhóis acusados de promover a anorexia. As páginas faziam parte da versão catalã da rede social Spaces.

²⁷ http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070216_modelosaquino_ir.shtml

²⁸

<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a1911601.xml>

Segundo a assessoria da empresa, este tipo de site infringe as normas que regulam o conteúdo criado e disponibilizado por usuários do site. Deletar regularmente páginas relacionadas a conteúdo pró-anorexia também é o posicionamento tomado pelo website de rede social Facebook. Assessores também alegam que este tipo de página viola os termos de serviço, ao promover o autoflagelo em outras pessoas.

O fórum virtual LiveJournal, que hospeda um dos maiores e mais antigos fóruns pró-ana e mia da Internet, não tem uma posição clara quanto a este tipo de conteúdo. Um funcionário, no entanto, fez uma declaração polêmica ao recusar um relatório de abuso feito contra uma comunidade pró-ana hospedada naquele servidor. A resposta foi de que “suspender comunidades pró-anorexia não vai fazer com que ninguém que sofre desta doença se torne saudável novamente. Permitir que elas existam, no entanto, tem vários benefícios. Assegura àqueles que entram que eles não estão sozinhos na maneira como percebem seus corpos. E aumenta a chance de que os amigos e pessoas queridas dos indivíduos na comunidade descubram seus transtornos e ajudem-nos a procurar auxílio profissional.”²⁹

Já o site MySpace não exclui material pró-ana, alegando que seria muito difícil estabelecer uma fronteira para distinguir entre grupos de ajuda para pacientes com transtornos alimentares e grupos que poderiam ser definidos como favoráveis à anorexia ou bulimia. A estratégia do site é, ao invés de censurar as comunidades, criar parcerias com organizações que promovem a alimentação saudável e colocar, ao lado de perfis pró-ana, anúncios de entidades de recuperação.

A empresa Google, responsável pelo site de relacionamentos Orkut, adotou outra estratégia: ao entrar em páginas pró-ana e mia, o usuário é direcionado antes para um alerta de que o conteúdo da comunidade seria impróprio. A medida visa cobrir as “brechas” deixadas pelos termos de serviço. No caso de pornografia, por exemplo, as regras proíbem imagens de

²⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/Pro-ana#From_online_services

nudez. Perfis com outras imagens que não se enquadram nesta categoria, mas insinuam sexo, não são deletados, apenas tem o acesso dificultado pela exibição deste tipo de aviso.

3.13 QUESTIONAMENTOS

Diante dos aspectos considerados, alguns questionamentos são pertinentes e motivam o prosseguimento da pesquisa. Sabemos, como demonstra a literatura consultada, que as condições denominadas transtornos alimentares não são inéditas, nem exclusivas de nossa época. A novidade está nas especificidades técnicas proporcionadas pelo início do século XXI, em que pessoas com os mais variados interesses têm amplas condições de entrar em contato umas com as outras e todas com todas, independente do ponto do globo em que residam.

Uma vez em rede, cada nó passa a fazer parte de um sistema complexo e interligado, em permanente conexão com os outros nós que compõem a teia. Uma pessoa ou um conteúdo, ao se colocar online, não está isolado, mas sim em permanente *disponibilidade à conexão*. Pretendemos, neste estudo, identificar os desdobramentos ocorridos quanto ao tema pró-ana e mia, uma vez disponível em rede. Que vínculos se estabelecem nestas comunidades que dispõem, no século XXI, de aparato tecnológico para expressar conteúdos antes silenciados?

3.14 HIPÓTESE

Consideramos, de início, que a mera presença na rede se coloca como uma situação de permanente disponibilidade à conexão. Nas condições em que a sociedade e as informações se mostram como teias entrelaçadas, os limites entre o eu e o outro, o meu e o de

fora, tornam-se cada vez mais maleáveis. O traço que representa um link em um gráfico de rede não pertence a nenhum dos nós e, ainda assim, é parte de ambos.

Partimos então da hipótese de que, ao disponibilizar-se em rede, o movimento pró-anorexia e bulimia deixa-se permear por conexões – às vezes inusitadas – que transformam suas disposições iniciais e agregam novos elementos e argumentos àquilo que se apresentava e discutia anteriormente. Este processo de conexões e alterações é contínuo e pode tomar diferentes rumos conforme as ligações estabelecidas.

Uma vez em rede, conteúdos com baixa ou nenhuma aceitação social, como as páginas favoráveis à anorexia e à bulimia, adquirem visibilidade. Não se pode mais ignorá-los, pois não estão mais em guetos e conversas escondidas, mas a poucos cliques de distância, em nossos computadores pessoais. Com isso, o caráter proibido dos temas se desgasta, abrindo possibilidades para dialogar e articular a respeito deles das mais diferentes maneiras. Tendo em mente estas questões, nosso intuito é investigar como os efeitos desta disponibilidade em rede se apresentam nas páginas e comunidades pró-ana e mia, a fim de, através deste exemplo, compreender melhor o funcionamento das redes sociotécnicas que se tornam, a cada dia, ambientes comunicacionais prevalentes.

4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

4.1. A NOVA PSICANÁLISE

“Não podemos pular para fora deste mundo”

C. D. Grabbe

Freud, em *O mal-estar na civilização* (1930), toma emprestada esta frase de Christian Dietrich Grabbe para expressar a síntese da angústia humana. Existimos. Havemos no mundo. Dado este fato, encontramos-nos, todos, atrelados a uma realidade inescapável: arranjar, dia a dia, modos que nos permitam lidar com tal existência. A condição de Haver (e sua inarredabilidade) perturba, angustia.

“A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. ‘Não podemos passar sem construções auxiliares’, diz-nos Theodor Fontane. Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz da nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável.” (Freud, 1930)

A estas medidas, que incluem a atividade científica, a arte e o consumo de substâncias entorpecentes, é creditado um importante papel no alívio (momentâneo) do mal-estar da condição humana. Consideradas deste ponto de vista, para além de critérios pré-determinados de normalidade, as peculiaridades do comportamento, quaisquer que sejam, podem ser entendidas como modos de administrar a angústia inerente ao ser.

4.1.1 A pulsão

Uma vez que existimos, encontramos-nos imersos em uma tendência característica de tudo que há: o movimento rumo à extinção. Observando este fato, Freud formula o conceito de pulsão de morte, necessariamente presente no psiquismo humano. Ele o qualifica como “de morte” por constatar que, inevitavelmente, se dirige à sua própria extinção enquanto movimento, e o considera inicialmente oposto a uma pulsão de vida. Hoje, mais avançados nos estudos do conceito e seus desdobramentos, podemos reforçar algo que Freud indica, mas não desenvolve³⁰. A saber, que esta segunda pulsão, na verdade, é apenas *efeito* da pulsão de morte, pois a vida se apresenta como mera *resistência* ao movimento de extinção expresso no conceito único de Pulsão, agora não apenas circunscrito ao psiquismo, mas fundamentalmente estendido a tudo que há.

Esta ampliação do alcance do conceito reafirma que a direção pulsional se refere a uma experiência traumática³¹, inarredável e irredutível para tudo (homem e cosmo), e destaca que, essencialmente, só há mesmo movimento para a extinção, para não mais haver, e não para haver (Magno, 1986: 61-75). Na presente pesquisa, tomamos a aplicação destes conceitos por supormos que apresentam uma compreensão mais abstrata dos vínculos que buscaremos analisar. Trata-se de uma abordagem diversa daquelas de base filosófica, mais predominantes nos estudos da área de comunicação, que supõem certos padrões como ideais e/ou normais, e orientam a pesquisa para uma tentativa de solução/cura de modos de vida divergentes destes padrões.

4.1.2 O conceito de *formação*

³⁰ “Ambas as pulsões seriam conservadoras (...) visto que estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria uma conciliação entre essas duas tendências” (Freud [1923]: 56).

³¹ Experiência de existir e de ser impossível negar esta existência.

A tentativa é considerar os fatos não interpretativamente, já que a atual transfusão informacional e a onipresente comunicação mediada por computadores têm evidenciado que, no fim das contas, qualquer interpretação não passa de ser mais uma entre outras, e só pode ser tomada como referência para a análise em função de conjunções interesseiras das forças da situação estabelecida. Alguns autores querem ver nesta transfusão um niilismo ou a expressão de um difuso e cínico ambiente pós-moderno planetariamente instalado. De nossa parte, parece mais preciso avançar na suposição de que os acontecimentos contemporâneos já explicitaram bastante o vigor generalizado de um relativismo que a todo momento, para bem ou para mal, denuncia conteúdos ideológicos e coloca em questão qualquer referência hermenêutica que se queira hegemônica.

Partindo deste princípio, tomamos, então, como referência o conceito de pulsão para descrever o caráter fundamental de tudo que há. Esta abordagem pulsional é adotada pela Nova Psicanálise, ou NovaMente³², criada por MD Magno nos anos 1970, a qual promove uma releitura dos trabalhos de Freud e Lacan, adaptada ao contexto social, cultural, histórico e comunicacional da contemporaneidade. Além da clínica psicanalítica, ela atua em campos diversos do saber: arte, religião, economia, ciência política, e teorias da cultura, do conhecimento e da comunicação.

A abordagem pulsional adotada abstém-se de conceitos como sujeito e indivíduo para referir-se ao ser humano, bem como a tudo que há (pensamentos, objetos, produtos culturais e comportamentos) como *formações*. Considera-se que estas, por sua vez, são também compostas de subformações, e assim sucessivamente. Qualquer formação, uma vez estabelecida como tal, mostra-se, por definição, resistente ao diálogo com outras formações, por temer desconfigurar-se. Esta resistência implica uma inércia que tende a conservar determinado estado de coisas. Entretanto, o processo de análise é dirigido à decomposição das

³² <http://www.novamente.org.br/interna.php?pg=historico>

formações em suas sub-formações, a fim de mostrar seu modo de construção e tornar disponíveis outros modos de operação para além daqueles a que a formação está aderida sintomaticamente.

4.1.3 O recalque, o revirão e a indiferenciação

Note-se que pensar que tudo que há são formações implica também considerar o *recalque* que sustenta a existência de qualquer formação. Recalque este que jamais é definitivo, mas que momentaneamente – o que, dado o investimento necessário à sua suspensão³³, pode significar milênios – busca excluir a manifestação de formações opostas às que estão em vigor e, junto, paralisar seu processo de transformação. Portanto, toda formação sempre se apresenta como recalcante ou recalcada no campo das possibilidades de manifestação. Por isso, as rebeliões (sociais, científicas ou outras) que acompanhamos no decorrer da história podem instaurar novas formações, mas não têm como evitar que, uma vez hegemônicas, estas se tornem recalcentes de outras tidas como ameaça à sua configuração.

Como vimos, o movimento pulsional (rumo à extinção) é característico de todas as formações existentes. No entanto, este movimento, a cada vez que atinge o ponto máximo de aproximação de sua extinção, que é seu objetivo último, depara-se com a impossibilidade de realizá-lo *em presença*, pois, se o fizesse, extinguir-se-ia antes de justamente realizá-lo. Então, em função desta impossibilidade definitiva de sumir, só lhe resta recompor-se e “retornar” (entre aspas, pois não saiu, não há um “fora”) ao que há. À operação que ocorre nesse eterno ciclo pulsional – o qual, impedido de atingir seu objetivo final, não encontra saída senão “retornar” ao Haver – chama-se de Revirão³⁴. Ela é decorrente do fato de que tudo

³³ Por exemplo, suspensão do imperativo da lei da gravidade com a invenção do avião, ou dos dois mil anos de dominância do cristianismo no Ocidente com a difusão da tecnologia e seus efeitos sobre o entendimento dos processos biológicos e mentais...

³⁴ Conceito introduzido em Magno [1982].

que se põe, põe simultaneamente uma oposição e exige, para a espécie humana, pensar um terceiro lugar de neutralidade desta oposição. Considera-se, aliás, que o revirão está instalado na espécie desde sempre e é o que constitui sua diferença essencial em relação aos outros vivos.

Coloca-se, assim, para o humano, uma verdadeira condenação: existir numa imanência que não cessa de requerer uma transcendência que se revela sem transcendente, puro vazio. A angústia desta situação sem saída tem servido de base, no decorrer da história, para poetas³⁵ e místicos³⁶, invenções científicas e artísticas, experiências com drogas alucinógenas, idéias como a de “eterno retorno”, etc.

Observe-se também que, no ponto máximo de aproximação da extinção que o movimento pode atingir, inevitavelmente ocorre uma *suspensão*, ainda que por um átimo, do caráter opositivo que qualifica as formações que estão em jogo nas situações do mundo. Trata-se de uma *indiferenciação* dos sentidos das formações, a qual é vista justamente como o processo que possibilita as transformações e os ultrapassamentos de nossas limitações, isto é, a criação das próteses que caracterizam nosso modo de existir.

Vimos, então: o conceito de pulsão; a impossibilidade de atingimento de seu objetivo de extinção absoluta; o processo de indiferenciação e conseqüente criação; e a idéia de que as formações que existem são resistências ao movimento pulsional, que ocorre em revirão.

4.1.4 O campo transferencial e a idioformação

Com estes conceitos em mente, voltemos a examinar a condição humana inescapável: existir no mundo e buscar, a cada dia, formas de minorar o mal-estar causado

³⁵ Diz Samuel Beckett [1957]: “Você está na Terra; não há cura para isso” (*apud* Phillips, 2008).

³⁶ Santa Teresa: “Do desgosto que lhe inspiram as coisas do mundo, nasce na alma um desejo de sair dele. Seu único alívio é o pensamento de que Deus a quer viva neste desterro” ([1577]: 112).

pela existência. Não vivemos sozinhos. Já na Grécia, Aristóteles disse que o homem é um animal social. Esta afirmação está em consonância com o conceito freudiano de *transferência*, que é hoje entendido como “a ineliminável e permanente disponibilidade à vinculação que existe na espécie humana” (Silveira Jr., 2006: 52)³⁷.

O homem, como tudo que há, é considerado uma formação de certo tipo chamada Idioformação,

“conceito que inclui tudo que diz respeito a seres resultantes da fusão (transferencial) das inteligências biológica e não biológica, i.e., da combinação das sutilezas da inteligência humana com a velocidade e a habilidade das máquinas em compartilhar conhecimento” (Silveira Jr., 2006: 52-53).

Logo, o que se entende atualmente por humano, essa combinação hiperdeterminada³⁸ de animado e inanimado, existe no mundo em constante interação com todas as outras formações. Para Freud, como dissemos, tudo ocorre num campo transferencial genérico e generalizado, uma grande rede na qual tudo que há emerge, se entrelaça e interage, ou seja: estabelece vínculos.

4.1.5 Os regimes vinculares e recalcentes primário, secundário e originário

³⁷ Cf. Magno [2003]: “Transferência há porque o campo é homogêneo: *o Haver inteiro é transferencial*. Todas as relações de comunicação são da mesma ordem do que podemos chamar de transferência” (p. 182). Há, de saída, “a disposição do vivo a ser impresso, a receber *imprintings*. É impressão no sentido gráfico do termo: qualquer matéria viva surge com a disponibilidade de ser impressionada para não sucumbir”. É “a disponibilidade que tem a matéria viva de receber de seus pares informação impressiva para poder sobreviver no ambiente” (p. 174).

³⁸ Além das determinações e sobredeterminações biológicas e culturais de que sofrem as formações, o fato de o campo que estamos utilizando como referencial teórico ser pulsional implica a idéia de uma *hiperdeterminação*, que, mesmo recalçada, não cessa de direcionar o movimento nele presente no sentido do revirão, ou seja, de uma indiferenciação do caráter opositivo das formações primárias e secundárias (como veremos a seguir no texto). Cf. Magno [1995]: “as idioformações não se postam como constantes (identidade) por sua mera repetição e duração (...), mas sim que só há idioformação onde está (pelo menos) disponível como referencial a hiperdeterminação (mesmo que não disponível aqui e agora). O mero [permanecer constante] indica apenas formações se repetindo, e não necessariamente uma idioformação” (p. 231). “Nada parece impedir que outras formações (de base carbono ou não) espalhadas pelo Haver (digamos, idioformações extraterrestres) sejam hiperdeterminadas também” (p. 232).

Vinculamo-nos uns aos outros, a pensamentos, sentimentos, características, objetos, e todas as outras formações que nos rodeiam. Tais vinculações ocorrem nos três níveis em que o Haver se manifesta: Primário, Secundário e Originário. O nível *primário* refere-se às características biológicas: a corporalidade, a materialidade, bem como os comportamentos determinados por este corpo (automatismos programados, por exemplo). O regime primário abrange ainda os fenômenos e ciclos da natureza, em suas dimensões mais primitivas. O nível *secundário*, por sua vez, inclui os aspectos simbólicos, culturais, tecnológicos. Deste grupo fazem parte as idéias, pensamentos, teorias, características culturais, linguagens e outras manifestações que, mesmo que imitem o que ocorre no primário, o fazem de forma abstrata, utilizando, sobretudo, suportes materialmente construídos (próteses).

Os vínculos primários (biológicos e etológicos) e secundários (simbólicos e ne-etológicos) são chamados *vínculos relativos*. Podemos observá-los todo o tempo em nossa vida diária: amor, ódio, nutrição, procriação, consumo de produtos e idéias, ideologias, religiões, entre outros. Conforme mencionado anteriormente, as formações são resistentes a qualquer mudança advinda de seu exterior. No nível dos vínculos relativos, podemos observar essa tendência à inércia tanto em nossas características biológicas quanto em construções culturais como os fundamentalismos religiosos, nacionais, raciais, ou qualquer outra ordem estabelecida sobre a diferença. A dureza primária ou secundária deste tipo de formação (e sua conseqüente resistência ao que quer que ameace sua configuração) tem sido responsável, ao longo da história, por inúmeros conflitos e perdas.

Para além dos vínculos primários e secundários, observa-se também um outro tipo de vínculo, este específico dos seres humanos, ou melhor, das idioformações: o vínculo absoluto, que opera no nível originário, onde ocorre a suspensão das diferenças. Não se trata mais de um vínculo relativo, e sim daquele que distingue os humanos dos demais vivos.

Denominar esta vinculação de absoluta significa entender que, em última instância, ao contrário do que se apregoa usualmente, não estamos vinculados uns aos outros, mas sim que, uma vez que existimos, estamos todos vinculados – por condenação, mesmo – ao movimento pulsional, à inevitável trajetória rumo à impossível extinção de seu próprio existir.

Considerar as coisas do ponto de vista do vínculo absoluto significa relativizar todas as diferenças de ordem biológica, simbólica e cultural. Este procedimento pode ser útil em todas as esferas da ação humana, como na busca de soluções para conflitos baseados em diferenças. A referência ao revirão, ou seja, ao ponto de neutralidade atingido no ápice da busca não-concretizada da não-existência, liberta os vínculos das repetições em série características dos níveis primário e secundário, e abre possibilidade de uma nova experiência de in-diferença e conseqüente apontamento para criação de procedimentos mais adequados, antes impedidos de comparecer por estarem sob forte massa recalcante. Porém, a resistência de nossas formações primárias e secundárias faz com que, na maioria das vezes, o entendimento do nível originário seja recalcado.

O recalque tem início com o próprio Haver, uma vez que o objetivo final de todas as formações, o não-Haver, jamais pode ser atingido. A esta impossibilidade dá-se o nome de Recalque Originário. As próprias formações biológicas, de nível primário, são, em sua inércia, recalcentes do movimento de revirão. Tendem a permanecer em um ciclo de repetições coordenado pelos movimentos, também repetitivos, dos ciclos da natureza, por exemplo. A isso dá-se o nome de Recalque Primário. Algo semelhante ocorre com as formações simbólicas que permeiam o Haver. O campo da cultura proporciona grandes expressões de criatividade, arte e novas idéias. Porém, uma vez produzidas e estabelecidas, estas formações tornam-se resistentes e recalcentes de outras possibilidades que, devido a isso, ficam restritas e com poucas vias de expressão. Este tipo de recalque secundário está presente em formações narcisistas, racistas, sexistas e religiosas, por exemplo, para as quais não basta garantir a

expressão de suas idéias, mas sentem-se impelidas, ainda, a tolher as expressões não condizentes com seu modo de pensar.

Considerando a máxima de que *tudo que há se dispõe à vinculação*, podemos considerar a teoria psicanalítica como uma teoria da comunicação. Termos já discutidos por pesquisadores de diversas áreas, como influência, contágio, sugestão, sedução, enamoramento, fascinação, possessão, alienação, hipnose, transe, sinapse e link, para ficarmos somente nestes exemplos, podem ser remetidos, todos, ao conceito de transferência que mencionamos acima. Todos, portanto, transmitem a idéia de troca, vínculo e, em suma, de comunicação.

4.1.6 A pessoa: pólo, foco e franja

Estamos, portanto, todos imersos na grande rede do Haver. Nela vivemos e, portanto, estabelecemos vínculos. O que a Nova Psicanálise chama de Pessoa, diferentemente de sujeito ou indivíduo, não são pontos isolados nesta teia. Podemos descrever cada uma delas como um pólo ao qual confluem inúmeras formações de tipos os mais variados. O que costumamos chamar de *eu* é a parte do pólo que está em evidência, ou seja, seu foco. Este *eu*, contudo, não corresponde aos conceitos egóicos formulados por outros campos do saber que consideram a pessoa como indivíduo, ou seja, uma unidade fundamental e indivisível do Haver. Isto porque é inerente a esse foco uma zona franjal cujo alcance vai ao infinito e jamais poderá ser mapeada por inteiro. Não há o *eu* e o que é externo ao *eu*. Tudo que há, incluindo a nossa espécie, está interligado em rede. Cada pessoa é, portanto, dotada de primário, secundário e originário – sendo que este último é o que a diferencia essencialmente – e é, ela mesma, rede.

As polarizações, como formações que são, possuem poder e resistência. Como não é possível mapear por inteiro os contornos de um pólo, o que se vê mais facilmente são os focos, de cujas franjas tampouco é possível determinar a extensão. Quando se delimita uma formação (esta sou eu, aquilo é uma mesa), está-se apenas fazendo um recorte do que é observável em um pólo. Assim, a pessoa, que se chama de eu, é constituída tanto das formações que a configuram no foco de um pólo quanto da franja infinita que a enreda.

4.2 TEORIAS DE REDE

4.2.1 Redes: do pensamento humano às estruturas sociais

A noção de que o mundo não se compõe de elementos isolados, mas de uma totalidade complexa e interligada, remonta a muitos séculos antes do surgimento da Internet. Culturas e religiões ao redor do mundo já propagavam, antes mesmo da era cristã, a interconectividade entre todas as coisas e seres do universo. De fato, a organização em rede, antes de se mostrar nas teias computadorizadas, tornou possível o armazenamento de grandes quantidades de informação no cérebro humano.

É em rede que se dá a organização da memória. Quando nos vemos diante de um dado novo (uma imagem, um fato ou uma idéia, por exemplo), criamos uma representação dele para ser armazenada. Para facilitar o acesso a essas informações, o cérebro humano dispõe todas elas em uma grande rede de lembranças. Cada novo item é associado a outros previamente conhecidos, permitindo que a pessoa o rememore mais facilmente quando necessário. (Lévy, 1993: 80)

Partindo de uma organização mental individual em rede, os seres humanos seguiram a mesma lógica em suas relações uns com os outros. Famílias, tribos, e clãs

caracterizaram as primeiras formas de organização social, com pequenos grupos interligados por laços de sangue. Para a sociologia, em seu início, a localização geográfica era fator determinante na formação de uma rede de contatos. Antes do surgimento da escrita, porém, a difusão de informações dependia do deslocamento geográfico de seu emissor/retransmissor. Posteriormente, livros e documentos tinham de ser copiados pelos poucos detentores da arte de escrever. Contudo, o desenvolvimento dos transportes e da comunicação contribuiu para uma desterritorialização cada vez maior das comunidades, até chegar ao que entendimento contemporâneo deste termo: as comunidades vistas como pontos de encontro de fluxos, marcadas por esta mobilidade que leva à reconstrução de territórios mais fluidos e descontínuos.

Claude Henri de Saint-Simon comparou a sociedade industrial a um organismo vivo na primeira metade do século XIX. Seu pensamento encontra eco nas idéias de Herbert Spencer:

“Do homogêneo ao heterogêneo, do simples ao complexo, da concentração à diferenciação, a sociedade industrial encarna a ‘sociedade orgânica’. Uma sociedade-organismo cada vez mais coerente e integrada, onde as funções são cada vez mais definidas, e as partes cada vez mais interdependentes.” (Mattelart, 1995: 17)

Os sistemas estruturais, como a rede elétrica, os meios de transporte, de comunicação e os fluxos financeiros, serviram (como o fazem até hoje) para tornar cada vez mais interligados os nós das comunidades humanas.

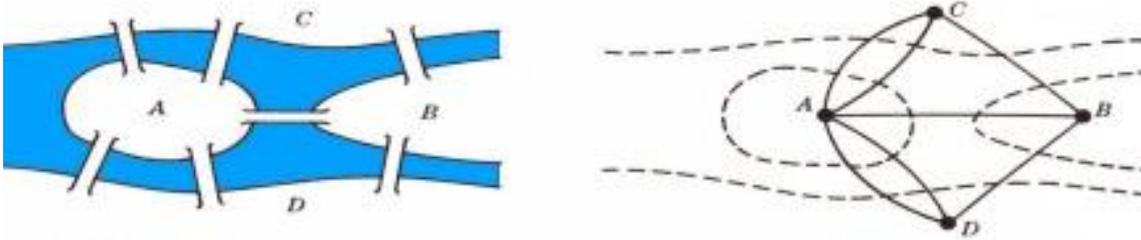
“A eletricidade parece oferecer a via ideal para fazer sair da idade paleotécnica do vapor e da mecânica. Sua flexibilidade e sua imaterialidade anunciam um mundo neotécnico situado sob o signo da descentralização e do apagamento do corte entre a cidade e o campo, entre o trabalho das mãos e o do espírito, fonte primeira da divisão social.” (Mattelart, 1995: 18)

Apesar do caráter utópico do trecho citado, vale lembrar que a eletricidade proporcionou a expansão dos meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e, mais tarde, o computador. Assim, ainda que a sociedade vislumbrada pelo autor não tenha se tornado real, é à difusão elétrica que devemos as transformações sociais causadas pelo aumento do acesso aos fluxos informacionais.

4.2.2 Euler e o problema das pontes

Um sistema estrutural – um conjunto de pontes interligando duas porções de terra, separadas por dois braços de rio, ao restante da cidade de Königsberg, na antiga Prússia – deu origem a um problema que impulsionou um dos primeiros estudos de representação gráfica das redes, em 1736. Entre os habitantes da cidade, discutia-se a possibilidade de atravessar todas as pontes sem passar pelo mesmo caminho duas vezes.

O enigma permaneceu sem solução durante séculos, até que, em 1736, o matemático suíço Leonhard Euler utilizou um esquema de representação gráfica, transformando as porções de terra em pontos (ou *nós* da rede) e as pontes em *links*. Deste modo, provou que não havia maneira possível de atravessar todas as pontes sem passar duas vezes pelo mesmo ponto. Como podemos observar no gráfico abaixo, no caso das pontes de Königsberg todos os nós contam com um número ímpar de links. Para que um caminho assim existisse, só poderia haver dois nós nesta condição. Os outros deveriam apresentar apenas duas ligações externas: uma de entrada e uma de saída.



Esquema gráfico das pontes de Königsberg

A partir desta questão aparentemente simples de uma pequena comunidade, teve início o ramo da matemática chamado Teoria dos Grafos, de grande importância para o estudo das redes.

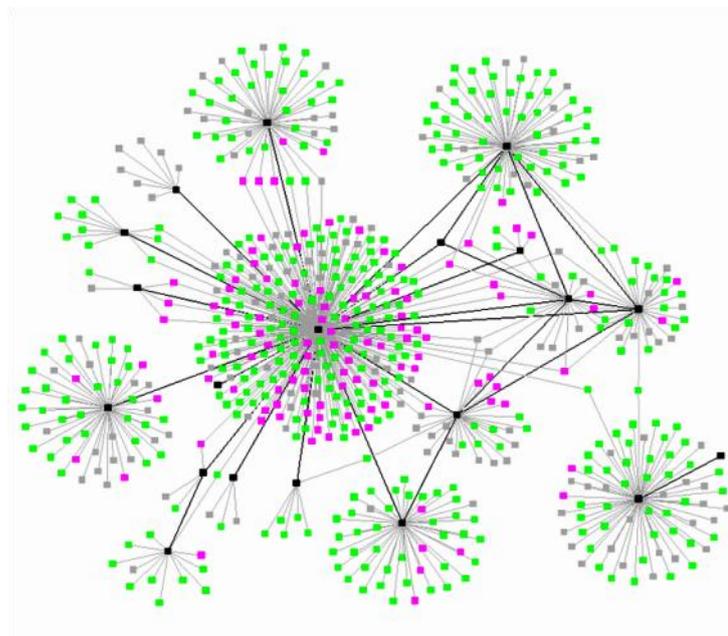
“Para nosso propósito o aspecto mais importante da prova de Euler é que a existência do caminho não depende de nossa engenhosidade para encontrá-lo. De fato, *é uma propriedade do grafo*. (...) Grafos ou redes têm propriedades, escondidas em sua construção, que limitam ou potencializam nossa habilidade de fazer coisas com eles. (...) A construção e estrutura de grafos ou redes é a chave para compreender o mundo complexo à nossa volta.” (Barabási, 2003: 12)

4.2.3 O mundo aleatório

Já no século XX, os matemáticos Paul Erdős e Alfred Rényi propuseram uma explicação deveras simples para compreender a organização em rede: para eles, os nós, fossem eles pessoas, células ou computadores, se conectavam de maneira totalmente aleatória, a despeito de leis naturais que pudessem influenciar essas conexões. Apesar de sabermos, hoje em dia, que as conexões do universo levam em conta diversos fatores além do acaso, o trabalho de Erdős e Rényi deixou como legado a noção de interconexão do mundo. Considerando cada pessoa um nó, basta que cada uma tenha apenas um link para que esteja conectada a todas as outras, em uma teia global na qual, ainda que seja impossível conhecer todos os outros indivíduos, pode-se traçar um caminho social que conecte quaisquer dois nós em qualquer lugar do planeta. (Barabási, 2003: 13-18)

Ainda que seja necessária esta única conexão para que o nó esteja ligado ao todo, nas redes reais isto raramente acontece. Ao contrário, cada molécula reage com centenas de outras, cada pessoa se relaciona com muitas outras e cada empresa está ligada a todos os seus funcionários, fornecedores e clientes. “A natureza não corre riscos ficando perto do mínimo. Ela ultrapassa bem isso. Consequentemente, as redes à nossa volta não são apenas teias. Elas são redes muito densas das quais nada pode escapar e dentro das quais cada nó é navegável.” (Barabási, 2003: 19)

Sabemos que em um conjunto grande de pessoas (uma cidade, por exemplo) é impossível a um sujeito conhecer todos os outros. O que observamos é a formação de pequenos grupos, denominados *clusters*, ligados entre si por um ou outro indivíduo pertencente a mais de um grupo. Este fenômeno é facilmente verificável em escolas, locais de trabalho e, mais recentemente, websites que se organizam como redes sociais, como Facebook e Orkut.



Representação gráfica dos clusters em uma rede social

Estes clusters, ou pequenos grupos de pessoas, são visivelmente formados por certos critérios. Portanto, a idéia de um universo randômico, apesar ter se tornado um

paradigma após os trabalhos de Erdős e Rényi, não parecia suficiente para dar conta da complexidade das redes que observamos em nossa vida diária. A dupla de pesquisadores, porém, não estava interessada nas aplicações práticas de suas proposições, mas sim nos aspectos matemáticos dos gráficos que observavam. Por isso, coube a estudiosos posteriores decifrar a formação de redes complexas, levando em conta fatores que influenciariam as ligações entre os nós, além da completa aleatoriedade.

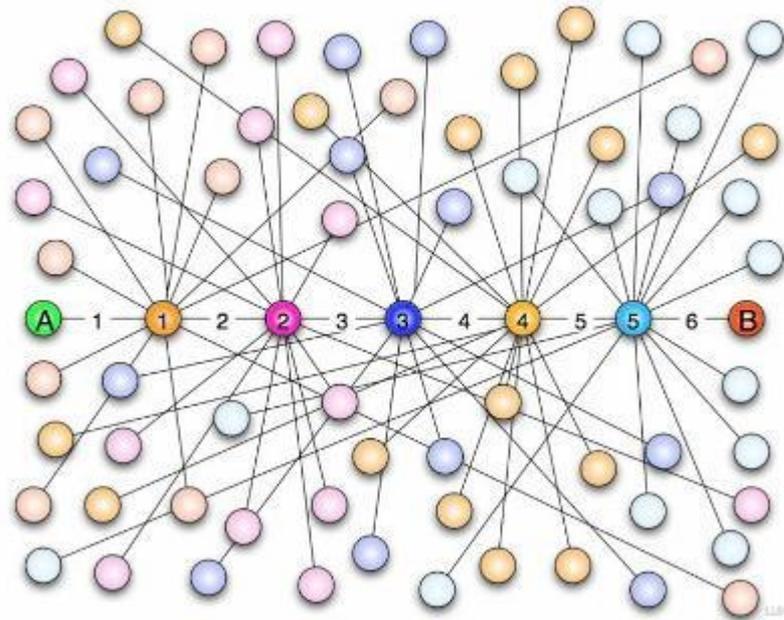
4.2.4 A seis passos de qualquer um

Em 1967, psicólogo Stanley Milward conduziu um experimento que também se tornaria um paradigma nos estudos de rede. Para medir o grau de separação entre as pessoas nos Estados Unidos, o professor de Harvard propôs um estudo no qual escolheu duas pessoas aleatórias, residentes em pontos distintos do país, como “alvo”. Ele determinou ainda duas cidades do interior como pontos iniciais do projeto. Alguns habitantes destas localidades, também escolhidos aleatoriamente, receberam cartas convidando-os a participar de um estudo sobre contato social. O pacote continha explicações sobre o programa e os dados das pessoas alvo, como fotografia, nome e endereço. Através de cartões postais enviados por cada envolvido no processo, os pesquisadores mantinham o controle do percurso das cartas. Após enviar um cartão à universidade, caso não conhecesse o alvo, a pessoa deveria encaminhar o pacote a alguém que ela acreditasse estar mais perto do procurado.

A primeira carta comunicando a chegada ao alvo foi recebida pelo pesquisador em apenas alguns dias, passando por apenas dois intermediários. Das 160 cartas enviadas, 42 retornaram às mãos de Milgram. Com base nos dados dessas correspondências, o professor calculou que a distância média entre os participantes iniciais do estudo e os alvos foi de 5,5 intermediários. Arredondando este número – e supondo que o número de conexões seria o

mesmo para as outras populações do mundo – foi criado o paradigma dos seis graus de separação, ou seja, a idéia de que quaisquer duas pessoas no globo estariam separadas por uma média de seis ligações. “Stanley Milgram acordou-nos para o fato de que nós não só estamos conectados, mas vivemos num mundo no qual ninguém está mais longe que alguns apertos de mão de qualquer outra pessoa. Isto é, vivemos em um *mundo pequeno*.” (Barabási, 2003: 30)

“Seis graus é o produto de nossa sociedade moderna – um resultado de nossa insistência em manter contato. Isso é facilitado por nossa relativamente recém-descoberta habilidade de comunicar através de grandes distâncias – muitas vezes através de milhares de milhas.” (Barabási, 2003: 39)



Esquema que mostra dois nós de uma rede social (A e B) e seus seis graus de separação

Mais tarde, em 1998, um experimento conduzido por Albert-László Barabási e uma equipe de pesquisadores da Universidade de Notre Dame procurou determinar a distância entre dois documentos aleatórios na World Wide Web. Diante da impossibilidade de mapear toda a rede, o grupo tomou pequenas amostras, como o servidor da Universidade, no qual foram constatados onze links em média entre as páginas. Posteriormente, foram verificados

conjuntos de 1000 e 10000 nós, e os resultados apontaram que, apesar do maior número de documentos analisados, o grau de separação entre eles variava pouco. Como resultado, os pesquisadores concluíram que as páginas virtuais estão separadas, em média, por dezenove links. “Enquanto a navegação pode dar uma impressão diferente, na realidade a Web é um mundo pequeno. Qualquer documento está, em média, a dezenove cliques de qualquer outro.” (Barabási, 2003: 34)

O Orkut³⁹, website de rede social afiliado ao Google⁴⁰ no qual estão as comunidades alvo de nosso estudo, foi desenvolvido levando em conta a teoria dos seis graus de separação. No início, só podia se cadastrar quem fosse convidado por outro usuário. Assim, era possível mapear a rede social que englobava todos os membros. Ao visitar um perfil, o internauta podia ver no alto da tela o “caminho” social que o ligava ao dono da página. A partir de outubro de 2006, é permitido o cadastro de usuários sem convite. O Orkut é o site de rede social mais popular entre os brasileiros. Segundo dados oficiais⁴¹, 51,61% dos usuários selecionaram Brasil como seu país. O número pode variar, pois alguns membros não disponibilizam a informação, outros apresentam dados incorretos (fato que cresceu devido a um boato de que a navegação ficaria mais rápida se a nacionalidade declarada fosse outra que não a brasileira), e vários navegam no site com perfis falsos.

Além das redes formadas pelos usuários, as próprias comunidades também se organizam em rede. Na página principal de um grupo, podemos observar, no canto inferior direito, um espaço no qual constam comunidades relacionadas. Ou seja, links para outros grupos que tratam do mesmo assunto ou de temas correlatos. Nestas comunidades desenvolvem-se conexões entre indivíduos por meio de afinidades (hobbies, trabalho, gosto artístico ou musical, características pessoais). Assim, além de funcionar como representação da rede social que o usuário já cultiva em sua vida diária (links para os perfis de amigos,

³⁹ <http://www.orkut.com>

⁴⁰ <http://www.google.com>

⁴¹ <http://www.orkut.com/Main#MembersAll.aspx>

conhecidos e parentes), o estabelecimento destes laços de afinidade contribui para estreitar ainda mais a trama da rede social virtual, dando a impressão de que o mundo é ainda menor.

“O mundo está encolhendo porque laços sociais que teriam se extinguido cem anos atrás são mantidos vivos e podem ser facilmente ativados. O número de laços sociais que um indivíduo pode manter ativamente aumentou dramaticamente, diminuindo os graus de separação. Milgram estimou seis. Karinthy cinco. Nós podemos estar mais próximos hoje em dia de três.” (Barabási, 2003: 39)

4.2.5 A importância dos “conhecidos”

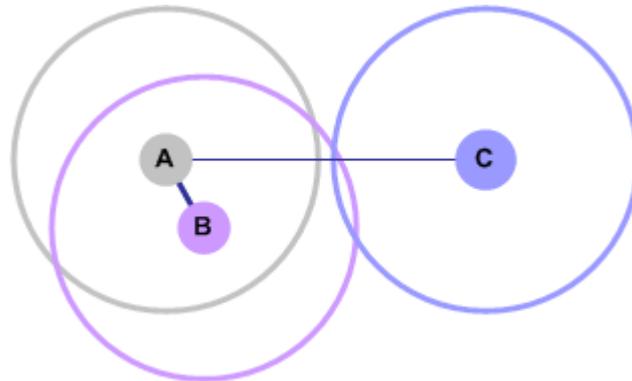
Na década de 60, a organização das redes sociais intrigava outro pesquisador, Mark Granovetter. Em sua tese de doutorado, ele investigou uma situação comum à maioria das pessoas: a procura por um emprego. Por meio de entrevistas com diversos profissionais (contratantes e contratados), ele pôde verificar que, na maioria das vezes, as indicações para uma vaga de emprego partem de conhecidos, e não de amigos próximos. O artigo fruto deste estudo, *The Strength of Weak Ties*, entrou para a história da sociologia ao demonstrar a importância dos laços fracos para o funcionamento da sociedade.

“Escondida no argumento de Granovetter há a imagem de uma sociedade que é muito diferente do universo aleatório que Erdős e Rényi retrataram. Na visão dele, a sociedade é estruturada em *clusters* altamente conectados, ou círculos fechados de amigos, nos quais todos conhecem todos os outros. Alguns *links* externos conectando estes *clusters* fazem com que eles não fiquem isolados do resto do mundo.” (Barabási, 2003: 42)

A constatação de Granovetter pode ser observada na vida diária: nossos amigos próximos também são amigos de outras pessoas. Todos temos conhecidos no local de trabalho, escola, vizinhança. Estes conhecidos são os laços fracos que conectam diversos grupos de amigos, e fazem a informação circular entre eles. Por este motivo, a transmissão de

notícias, e outros dados – como uma vaga de emprego – dependem da manutenção e ativação destes laços fracos nos momentos convenientes.

Para determinar a força de um laço social, o pesquisador considerou quatro fatores: a quantidade de tempo, intensidade emocional, a intimidade (confiança mútua) e os serviços trocados entre as duas partes. (Granovetter, 1973: 1361) Ou seja: quanto mais tempo duas pessoas passam juntas, quanto maior a profundidade emocional destes encontros, quanto mais confiança é depositada e mais serviços (favores, atividades, entre outros) são trocados, mais forte é o laço que se estabelece entre dois indivíduos.



Esquema de laços sociais entre três indivíduos, identificados como A, B e C.

A figura acima mostra uma representação gráfica de três pessoas (A, B e C) e seus respectivos círculos sociais. Entre A e B existe um laço forte, simbolizado pela linha mais grossa. Isso significa que, segundo os critérios citados, são pessoas que passam certo tempo juntas, têm afinidades e certa ligação emocional. Por sua vez, a linha mais fina que conecta A e C indica um laço social fraco, ou seja, são apenas conhecidos, pessoas que se encontram pouco e têm poucas coisas em comum.

Podemos observar nesta figura que quanto mais forte o laço entre dois indivíduos, ou seja, quanto mais ligados socialmente eles estão, maior é a interseção entre seus círculos sociais. Pessoas conectadas por laços fortes, como A e B, tendem a ter mais amigos em

comum e a aproximar seus grupos de conhecidos. Já os laços fracos, como o que ocorre entre os pontos A e C, proporcionam uma pequena interseção entre os círculos sociais. Isto significa menos contatos em comum, e menor chance de interação entre grupos.

“Considere, agora, quaisquer dois indivíduos selecionados arbitrariamente – chame-os de A e B – e o conjunto, $S = C, D, E, \dots$, de todas as pessoas ligadas a um *ou* a ambos. A hipótese que nos permite relacionar laços diádicos a estruturas maiores é: quanto mais forte o laço entre A e B, maior a proporção de indivíduos em S aos quais eles estarão *ambos* ligados, ou seja, conectados por um laço fraco ou forte. Esta sobreposição em seus círculos de amizade é presumivelmente menor quando o laço é ausente⁴², maior quando é forte, e intermediária quando é fraco.” (Granovetter, 1973: 1362)

Granovetter sinaliza para a importância dos laços fracos na vida social considerando que, ao fazer a ligação entre grupos, eles são fundamentais na criação de um caminho social mais curto para a circulação de informações entre as pessoas. Se alguém conta uma história somente para seus amigos mais próximos (ou seja, para aqueles com os quais mantém laços fortes) e estes fazem o mesmo, é provável que o fato se mantenha restrito àquele grupo social, visto que a tendência é que todos os envolvidos sejam amigos próximos uns dos outros. Se um deles, porém, resolver passar a história adiante para seus laços fracos, a chance dela se espalhar para um grande número de pessoas é muito maior. “Intuitivamente falando, isto significa que o que quer que seja difundido pode atingir um número maior de pessoas, e atravessar maior distância social, ao passar por laços fracos, ao invés dos fortes.” (Granovetter, 1973: 1366)

4.2.6 Grupos interligados

⁴² Granovetter define *laço social ausente* como a ausência de relacionamento ou laços sem significado substancial, como o caso de vizinhos que apenas se cumprimentam na rua, ou o laço entre vendedor e consumidor numa loja (caso não sejam amigos).

O pesquisador Duncan Watts foi iniciado nos estudos de redes ao tentar resolver o problema de como os grilos sincronizam seus cantos, fazendo com que pareçam uma sinfonia organizada. Ele ficou intrigado com a sincronia destes animais e passou a observar que “uma urgência sutil de sincronizar é prevalente na natureza. De fato, ela comanda o funcionamento de milhares de células marca passo no coração e sincroniza os ciclos menstruais de mulheres que vivem juntas por longos períodos de tempo.” (Barabási, 2003: 45)

Os gráficos de Erdős e Rényi entraram para a história das teorias de rede como clássicos, e ofereceram modelos com várias aplicações possíveis. Seu caráter aleatório não conseguia, porém, explicar propriedades das redes que podem ser facilmente observadas na vida real. Se considerarmos os laços sociais como aleatórios, desprezaremos a causalidade da formação de grupos – que normalmente têm fatores para se juntar, como afinidades, localização geográfica, entre outros – e também não levaremos em conta a variação do número de laços sociais entre indivíduos – alguns têm mais conexões que outros.

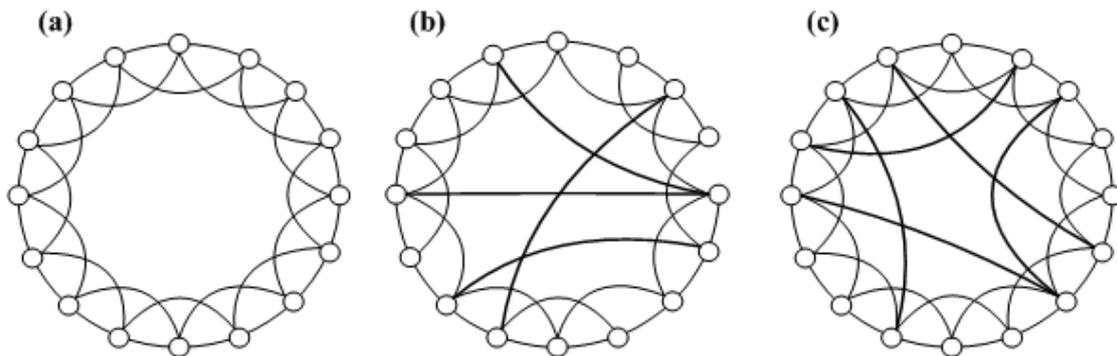
Com seu orientador de Ph.D. Steven Strogatz, Watts desenvolveu estudos com o objetivo de dar conta destas limitações. Eles consideraram as redes sociais como mundos pequenos, nos quais os *clusters* – grupos de indivíduos ligados por laços fortes – estariam conectados uns aos outros por laços fracos entre pessoas de grupos diferentes. Estes laços fracos, conectores entre grupos, poderiam ser aleatórios. Em um mundo pequeno, a maioria dos nós da rede não são vizinhos, mas podem alcançar todos os outros através de um número pequeno de ligações entre conhecidos.⁴³

Para medir as ligações sociais encontradas nestes mundos pequenos, Watts e Strogatz desenvolveram uma operação matemática que resultaria em um número chamado *coeficiente de clustering*. Supondo que uma pessoa tenha quatro bons amigos – ou seja, laços fortes – eles podem ou não ser amigos uns dos outros. Caso sejam, há entre este grupo de

⁴³ http://en.wikipedia.org/wiki/Small-world_networks

quatro pessoas seis laços fortes de amizade. Porém, pode acontecer que nem todos estabeleçam tal ligação com os restantes. No caso de haver, por exemplo, quatro ligações, o coeficiente é obtido “dividindo o número de links reais entre seus amigos (quatro) pelo número de links que eles poderiam ter se fossem todos amigos uns dos outros (seis).” (Barabási, 2003: 46-47) No caso do grupo estudado, o coeficiente de *clustering* seria de 0,66.

Assim, Watts e Strogatz propuseram um novo modelo de rede, levando em conta a pouca distância social (em média) entre os nós, bem como um coeficiente de *clustering* significativamente mais alto do que o esperado se os nós se conectassem de maneira aleatória. Os gráficos mostrados a seguir ilustram uma rede social na qual todos estão conectados apenas a seus vizinhos imediatos (a), mantendo o número de links igual entre os nós da rede; e a diferença significativa causada pela adição de alguns links aleatórios entre nós que não são vizinhos imediatos, aumentando assim o número de conexões por indivíduo e aumentando o coeficiente de *clustering* do grupo (b) e (c).



4.2.7 Redes sem escalas

Para o teórico Albert-László Barabási, da Universidade de Notre Dame, as conexões de uma rede não se formariam de maneira aleatória. A forma e distribuição das conexões, do mesmo modo, não se dariam de forma igualitária. Como podemos observar em

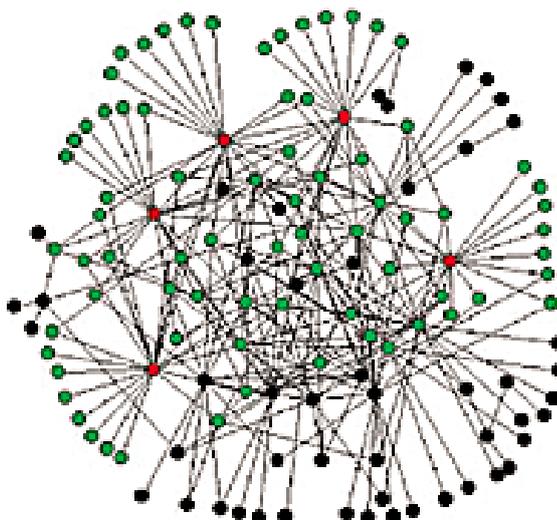
nossa vida diária, há pessoas com mais facilidade, por diversos fatores, de estabelecer conexões, enquanto outras possuem menos laços sociais. Aos nós mais conectados da rede Barabási chamou de hubs ou conectores. Eles servem de pólo em uma rede, encurtando o caminho social entre os nós ao seu redor.

Os hubs podem ser facilmente observados na Internet, onde, apesar de haver milhões de páginas disponíveis, uma minoria concentra o maior número de links. É fácil demonstrar, neste caso, que a probabilidade de um documento ser visto na web não é aleatória. Um grande portal de notícias, por exemplo, tem chance muito maior de ser visto do que a página pessoal de um adolescente, por exemplo.

“Hubs são o argumento mais forte contra a visão utópica de um ciberespaço igualitário. Sim, todos nós temos direito de colocar qualquer coisa que quisermos da web. Mas alguém vai notar? Se a web fosse uma rede aleatória, todos nós teríamos a mesma chance de sermos vistos e ouvidos.” (Barabási, 2003: 58)

De certo modo, os usuários são responsáveis por haver páginas às quais grande parte das outras se liga. De qualquer ponto da web, elas são fáceis de encontrar e tornam-se o ponto de ligação à maioria das outras.

“Comparado a estes hubs, o resto da web é invisível. Para todos os propósitos práticos, páginas ligadas por somente um ou dois outros documentos não existem. É impossível encontrá-las. Até os mecanismos de busca são tendenciosos contra elas, ignorando-as enquanto engatinham pela web à procura dos novos sites mais quentes.” (Barabási, 2003: 58)



Representação de uma rede sem escalas, na qual podemos notar hubs centrais que concentram grande número de conexões, enquanto a maioria dos nós se encontra na periferia da rede, com poucas ligações entre si

No modelo de redes sem escalas, os hubs estão ligados a diversos nós menos conectados que, por sua vez, se ligam a outros com grau ainda menor de conexão. Portanto, ao mesmo tempo em que os hubs diminuem a distância social entre os pontos da rede, em caso de falha, se vários grandes hubs forem retirados de cena, a rede perde boa parte de sua conectividade, até que possa se organizar novamente.

Outro aspecto observado no modelo de redes sem escalas é seu padrão de organização, chamado por Barabási de “ricos ficam mais ricos” (*rich get richer*). Por este padrão, os nós com maior número de conexões, ou seja, os hubs, tendem a receber número ainda maior de ligações com o crescimento da rede. Podemos observar este fato na web, onde grandes portais, já detentores de grande parte das conexões, são mais facilmente lembrados e acessados por novos usuários, aumentando a cada dia sua prevalência na rede.

“Significativamente, no entanto, as páginas da web às quais preferimos nos ligar não são nós comuns. Elas são hubs. Quanto mais conhecidas elas são, mais links apontam para elas. Quanto mais links elas atraem, mais fácil é encontrá-las na web e, assim, mais familiares somos a elas. No fim todos nós seguimos tendências inconscientes, formando links com maior probabilidade com os nós que

conhecemos, que são inevitavelmente os nós mais conectados da web. Nós preferimos hubs.” (Barabási, 2003: 85)

5 ANÁLISE DOS WEBSITES ANA E MIA

De partida, então, colocamos algumas perguntas para estudo: o que anas e mias buscariam expressar ao se conectarem em rede? Sua expressão visaria “interagir com outros usuários” e “construir identidade social”⁴⁴? Criar “espaços de organização social” e de “constituição do *self*”⁴⁵? Nossa tentativa de respostas – pois, certamente, não há *a* resposta – toma o aspecto pulsional como referência para acompanhar este modo de produção e difusão vincular – comunicacional, portanto – cada vez mais presente nas redes sociais da internet. Considerando-a uma produção que diz respeito ao humano⁴⁶ como experiência própria e legítima, cabe-nos entender seus níveis e as conseqüências de seu enredamento sociotecnológico.

5.1 POR DENTRO DA REDE

Nas comunidades virtuais, a anorexia e a bulimia são defendidas como estilos de vida, e não como condições dignas de tratamento médico. A noção de estilo de vida parece denotar mais a fluidez da sociedade contemporânea, do que as identidades mais ou menos delimitadas que marcaram a modernidade.

“Em linhas gerais, o estilo de vida reflete a sensibilidade (ou a “atitude”) revelada pelo indivíduo na escolha de certas mercadorias e certos padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social. (...) É constituído por imagens, representações e signos disponíveis no ambiente midiático e, em seguida, amalgamados em performances associadas a grupos específicos.” (Freire Filho, 2003)

⁴⁴ Modos que definem os focos dos sites de redes sociais (Recuero, 2008: 38).

⁴⁵ Expressões utilizadas por Motardo e Passerino (2006) referentes aos blogs como espaços de socialização mediados por computador.

⁴⁶ Mantemos o termo “humano” com a ressalva de que se tornou problemático diante das atuais questões ligadas ao “pós-humano”, ao “pós-orgânico”, aos “ciborgues”, entre outras (Kurzweil, 2005), que, para além do humanismo, ou do ‘antropos’, incluem o que diz respeito a seres resultantes da fusão das inteligências biológica e não biológica, *i.e.*, da combinação das sutilezas da inteligência humana com a velocidade e a habilidade das máquinas em compartilhar conhecimento.

Os padrões de grupo são importantes também para proporcionar conforto e sensação de proteção, em uma época de insegurança generalizada causada pela falta de diretrizes e instituições sólidas. A cultura de maximização do corpo eleva sua importância como valor pessoal, disseminando a idéia de conquista da felicidade através da aquisição da constituição física perfeita. “Assim, o corpo e todo o instrumental utilizado para projetá-lo como símbolo de poder passam a ser perseguidos como bens simbólicos, na tentativa de neutralizar o mal-estar gerado pela fragmentação da identidade.” (Andrade e Bosi, 2003)

O movimento pró-ana e pró-mia encontrou nas próprias características da “nova geração” da web um terreno fértil para vir a público. Se as doenças em si já têm um longo registro na história médica, a organização de pessoas que desejam tê-las ou, no mínimo, apóiam quem tenha, surgiu nos fóruns abertos da rede. Em blogs, listas de discussão e páginas de relacionamento, os partidários da causa fazem uso do poder depositado pela internet contemporânea nas mãos do usuário comum.

5.2 CONFORTO E DISCRIMINAÇÃO

As comunidades de anas e mias no Orkut, por exemplo, já passam de três centenas. Nos tópicos são comuns as temporadas de *no food* (NF) e *low food* (LF) coletivos, em que as garotas organizam uma rede de apoio mútuo para incentivar as outras durante o tempo de restrição alimentar. Dicas para esconder melhor o problema, aliás, é um dos assuntos mais acessados pelas anoréxicas e bulímicas. Sugestões como levar o aparelho de som para o banheiro ou ligar o chuveiro para abafar o som dos vômitos, enviadas por pessoas que passam pela mesma situação, geram um clima de compreensão, conforto e aceitação que geralmente não é sentido no convívio social das meninas.

Mas nem tudo é aconchego nesses fóruns. O aspecto competitivo também pode ser notado nas temporadas de jejum coletivo total (NF) ou parcial (LF), nas quais as participantes se pesam diariamente e comparam os quilos perdidos. As que conseguem perder peso sentem-se recompensadas, mas são incentivadas a não desistir, pois, como diz uma das máximas pró-ana, “nunca se está magra demais”. Este cunho competitivo também pode ser observado em um dos fóruns típicos nestas comunidades: o tópico de apresentação, que pergunta a idade, o peso e a meta dos membros. Quanto mais baixa a meta almejada, mais admiração e estímulo o membro encontra no grupo.

O peso declarado, por sua vez, pode se tornar motivo de preconceito. Em várias comunidades, pessoas com mais de 60 quilos, por exemplo, são acusadas de “gordas” e “falsas anoréxicas”. A comunidade *Falsas anas e mias* é um dos lugares criados para manifestar a revolta gerada por essas pessoas. Na descrição do grupo, lê-se: “Existem muitas anas falsas por ai dizendo que é realmente anorexica mais vivem comendo de fast food. Agora me diz, *que tipo de ana é essa?*”⁴⁷ No tópico *Virou modinha*, os membros discutem o assunto, culpando a exposição na mídia:

“Dr.^a Ana

Virou modinha

A uns tempos atrás poucas pessoas sabiam o que é anorexia mas de tanto a tv abordar esse assunto, muita menina gorda resolveu entrar nessa e fingir ser ana/mia achando que vai ser mas vive em "compulsão"

HAJHAHAHAHA

Idioota demaais

Anna

Concordo plenamente

Muita menina nem sabia o q era isso.

ñ sabe o q fazer, como miar, como fazer nf, é ridiculo.

Quem realmente é ana sabe o q fazer, sabe o q precisa fazer pra emagrecer, sem precisar de tv nem de computador pra ensinar.”⁴⁸

⁴⁷ <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=75980585>

⁴⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=75980585&tid=5273360889037846704&start=1>

Para designar as tais falsas anas é usado o termo *wannarexic*, uma mistura das palavras anorexia e wannabe (“aspirante”). *Wannarexic* é a pessoa não clinicamente diagnosticada, mas que tenta ou gostaria de ter transtornos alimentares. Muitas agem assim pela exposição do assunto nos meios de comunicação de massa ou pelo próprio contato virtual com grupos que apóiam a anorexia e a bulimia como estilos de vida. A diferença entre anorexia e *wannarexia* é que anoréxicos não ficam satisfeitos com sua perda de peso, enquanto *wannarexics* têm maior probabilidade de ter prazer com a perda de peso. Muitas pessoas que realmente sofrem do transtorno alimentar anorexia ficam bravas, ofendidas ou frustradas com a *wannarexia*.⁴⁹

“O *wannarexic* é a figura primária de inclusão e exclusão usada nestes grupos. Para estas mulheres este termo diferencia os verdadeiros participantes daqueles que não são sérios quanto à prática dos transtornos alimentares. Como outros grupos pequenos, elas políam estas fronteiras severamente, tentando garantir uma identidade coesa de grupo. Assim, nestes grupos de discussão, o *wannarexic* proporciona a diferenciação necessária na tarefa complicada de decidir quem tem um transtorno alimentar autêntico e quem merece o status que acompanha essa autenticidade.” (Pascoe, 2008: online)

5.3 O QUE DIZEM E TROCAM AS ANAS E MIAS?

Aqueles/as que conseguem a aceitação do grupo, no entanto, recebem toda sorte de apoio e incentivo. Quando declaram um peso mais baixo que o anterior, recebem elogios. Mesmo que todas as pessoas de seu convívio social digam que elas estão muito magras, os elogios de seus pares pró-ana são suficientes para que continuem na luta pela magreza extrema. A cada compulsão alimentar desabafada (fato, aliás, muito frequente), a pessoa encontra nas comunidades uma torcida que tenta renovar suas forças após a queda e compartilha dicas para não ceder novamente às tentações do paladar.

⁴⁹ <http://en.wikipedia.org/wiki/Wannarexia>

Como vivem constantemente no limite do mínimo de alimento possível para sobreviver, também são comuns as discussões sobre saúde. Mas os tópicos, na maioria das vezes, não têm como objetivo dar indicações de como ser saudável, e sim de como minorar os efeitos da restrição alimentar a um nível que torne viável a sobrevivência (não pelo sentido de viver, mas por continuar lutando pela magreza). Quando a tontura e as dores na cabeça, estômago e outras partes do corpo tornam-se insuportáveis, algumas admitem interromper um jejum e, nesse caso, são até “desculpadas” pelo grupo.

Vários textos são publicados em perfis, páginas pessoais, blogs e repassados na internet como “literatura” do movimento pró-ana e mia. Um dos mais difundidos nas comunidades é a carta de uma suposta anoréxica hospitalizada, que ilustra o desejo da magreza última, cadavérica, ao afirmar que nunca se sentiu tão bem quanto agora, que pode contar todos os ossos do corpo, e que se sente como um anjo leve pronto para voar.

Muito populares também são a *Carta da Ana* e a *Carta da Mia*, repetidas em quase todas as comunidades observadas. Funcionam como uma espécie de “carta de apresentação” da anorexia e da bulimia, mostrando, principalmente às iniciantes, os benefícios que podem proporcionar a quem a elas recorrer: perfeição corporal (Ana) e socorro nos episódios de compulsão (Mia).

O movimento a favor da anorexia e da bulimia chegou também a sites de compartilhamento de vídeos, como o Youtube. Uma busca simples pelas tags “pro ana mia” no portal de vídeos apresenta cerca de 600 resultados. Entre eles estão reportagens de TV referentes ao tema, vídeos caseiros com opiniões individuais e muitas tentativas de conscientização e alerta para os perigos deste tipo de conduta.

A maioria dos vídeos, porém, se encaixa no que as garotas chamam de *thinspiration*, inspirações magras. São montagens feitas a partir de fotos e vídeos, geralmente combinados com uma música de fundo, retratando mulheres extremamente delgadas. Grande

parte das imagens é de modelos e atrizes famosas, consideradas donas de corpos perfeitos. Mas encontram lugar também *thinspirations* baseadas em fotos de pessoas reais, que funcionam para elas como prova de que, através destes comportamentos alimentares, garotas comuns podem chegar cada vez mais perto do que consideram perfeição.

Outra categoria de *thinspiration* funciona de modo inverso: fotos de comida gordurosa e pessoas obesas são usadas em álbuns de fotos e montagens em vídeo, numa tentativa de provocar nojo e incentivar o emagrecimento na base da auto-ameaça (“se você comer estas coisas, seu corpo vai ficar assim”). O desenho a seguir mostra uma garota mexendo em seu computador, com um prato de comida ao lado (aparentemente pães). Ela é abraçada por uma espécie de fada cadavérica, com bochechas fundas e costelas aparentes, que seria a Anna, personificação da anorexia. O que a figura busca passar é comentado em vários grupos virtuais pró-anorexia: o fato de que a Anna seria sua única amiga, a única que entende como elas se sentem e que está sempre ao seu lado, acompanhando a luta pelo ideal. “Você não é nada até que a deusa Anna tenha te visitado. Até lá... você é só mais uma gordinha.”⁵⁰



⁵⁰ <http://digitalyouth.ischool.berkeley.edu/node/104>

A Mia, por sua vez, não é tão idolatrada. Nos fóruns, não se torce para que a personificação da bulimia as visite e não as deixe jamais. Isso porque a prática dos vômitos e laxantes é vista como medida de emergência que se toma quando o objetivo inicial já falhou, ou seja, quando já houve o episódio de compulsão alimentar. Para elas, seria melhor ter tido a ajuda da anorexia, para permanecer em jejum. Como disse uma internauta, “a Mia é o diabinho, e a Ana é o anjinho”⁵¹

5.4 COMUNIDADES SEGMENTADAS

As primeiras entre estas comunidades virtuais, bem como os primeiros blogs e fóruns eram, em sua maioria, descritos apenas como pró-ana e pró-mia. A comunidade *Ana e Mia por região*, por exemplo, cujo objetivo é aproximar pessoas por critérios geográficos, tem hoje 1.662 membros⁵². Já a *NF e LF*, destinada à organização e ao suporte de temporadas de jejum coletivo total ou parcial, é uma das que têm vida mais longa, com início em 31 de janeiro de 2006 e quase 2.500 participantes. Além disso, vários subgrupos têm sido criados para dar conta de aspectos mais específicos do assunto e/ou das diversas interseções com outros temas.

A comunidade *Meninos anoréxicos*, com 138 membros, surgiu para discutir as especificidades do sexo masculino. No grupo *Anas/mias e fumantes*, com 196 participantes, há discussões sobre os efeitos do cigarro, bebidas e outras drogas no processo de emagrecimento e no controle da ansiedade. No grupo *Annas Veggies*, 61 pessoas falam sobre receitas vegetarianas de baixas calorias. No *Vídeos pró ana/mia*, 324 participantes trocam dicas de vídeos motivacionais.

⁵¹ <http://digitalyouth.ischool.berkeley.edu/node/104>

⁵² Observação realizada em 30 jun 2008.

Na comunidade *Músicas Anna/mia*, 219 membros conversam sobre músicas que tratam do tema. Diversas bandas, sobretudo de língua inglesa, vêm compondo, gravando e vendendo músicas, embora a maioria não se defina como pró-ana. Em seu blog⁵³, a cantora norte-americana Jill Sobule manifesta surpresa ao digitar seu nome em uma ferramenta de busca na Internet e obter entre os resultados diversos sites ana e mia. O fato se deve a duas de suas músicas, *Supermodel* e *Lucy at the Gym*, citadas como “thinspiration” nessas páginas. A primeira, que integra a trilha sonora do filme *As patricinhas de Beverly Hills (Clueless, 1995)*, expressa o desejo de se tornar modelo e ser invejada em versos como “eu sou jovem e sou legal e sou bonita / eu serei uma supermodelo / eu não comi ontem / eu não vou comer hoje / eu não vou comer amanhã / eu serei uma supermodelo”. A segunda, conta a história de Lucy, garota que não come e não sai da academia de ginástica, mesmo com os ossos despontando por baixo das roupas esportivas. Na última estrofe, ela não aparece mais na academia, o que leva a crer que teria morrido e ido para um céu “onde todos são bonitos e magros”.

Em um fórum sobre letras de músicas⁵⁴, usuários discutem sobre a faixa *Me and Mia*, da banda norte-americana Ted Leo and the Pharmacists. Com o refrão “você acredita em algo belo? / Então se levante e seja isso”, a canção trata de diversos pontos comuns à rotina ana e mia: busca do autocontrole, insatisfação com a própria imagem e aspecto franzino do corpo submetido a dietas restritivas. Como podemos ver em outras comunidades do tipo, há algo quase místico na luta para atingir o ideal. Na música citada, isso fica evidente em versos como “nós continuamos, como se estivéssemos numa missão / os últimos de uma grande tradição (...) doente pela minha dependência / combatendo a comida para alcançar a transcendência”. Mostra-se também certa obstinação em sumir: “Será que ninguém aqui vai te deixar desaparecer? / nem os médicos, nem sua mãe e seu pai / mas só eu, a Mia e a Ana / sabemos o quão duro você tenta”. Ao fim da música, a banda ainda chama a atenção para

⁵³ http://new.music.yahoo.com/blogs/jill_sobule/716/pro-anorexia-songs-lucy-at-the-gym-and-supermodel

⁵⁴ <http://www.songmeanings.net>

causas e ideais políticos: “mas não se esqueça o que realmente significa fazer greve de fome / quando você não precisa de verdade / alguns estão morrendo por uma causa / mas isso não faz dela a sua”.

Observa-se nesta crescente especialização e conseqüente dispersão o reflexo das tendências da cultura contemporânea: a customização de produtos, serviços e experiências, projetada para atender a demandas cada vez mais individualizadas; e a hiperconexão dos temas disponibilizados na rede, pois, uma vez postados, formam nós aptos conectar quaisquer outros, a permanecer enquanto durar o interesse dos envolvidos, e a permanentemente criar novas conexões.

5.5 A ESCRITA DE SI

Segundo Foucault, já na Grécia antiga Sócrates orientava seus discípulos no cuidado apropriado com o corpo, atentando para os alimentos e exercícios que poderiam proporcionar melhora na saúde. Caberia a cada um a responsabilidade sobre o próprio físico, partindo da observação atenta das reações orgânicas a cada procedimento adotado. Para o registro efetivo destes tópicos, o filósofo recomendava que os discípulos mantivessem um diário escrito.

“Para que a boa gestão do corpo venha a ser uma arte da existência, ela deve passar por uma colocação na escrita, efetuada pelo sujeito a propósito de si mesmo; através da escrita ele poderá adquirir sua autonomia e escolher com conhecimento de causa o que é bom e o que é mau para ele.” (Foucault, 1984: 98)

Vigilância e descrição detalhada das medidas tomadas em relação ao corpo são as bases de comunidades virtuais como a *Anorexic Diary*, do site de relacionamentos Orkut.

Fundada em março de 2007, conta atualmente⁵⁵ com 1166 membros e vários tópicos ativos. O grupo funciona como uma central de diários comentados, onde cada usuário pode abrir um tópico do tipo “diário de Maria” e contar seu dia-a-dia.

A maioria dos relatos começa com uma apresentação: idade, altura, peso e metas que a pessoa gostaria de atingir. A partir daí a dona do diário passa a postar com maior ou menor regularidade as coisas que comeu, as muitas frustrações e raras vitórias com relação ao corpo e a evolução no caminho da perda de peso. Vários membros do grupo contam em seus posts que “conheceram” a ana e a mia através do próprio Orkut, ao procurar por dietas, ou da televisão e revistas, em reportagens que tinham a intenção de denunciar este tipo de comunidade.

Por identificação, quem escreve costuma também acompanhar outros relatos, incentivando os demais membros a seguir dietas e permanecer em jejum. Quanto maior a assiduidade do diário, maior público fiel ele conquista. A mia, em geral, é desaconselhada, sendo considerada apenas medida de emergência. Apesar disso, é a ela que muitas recorrem após os frequentes episódios de compulsão alimentar.

Podemos notar nestes relatos uma forte tendência ao automatismo. As pessoas envolvidas parecem permanecer num eterno ciclo de restrição alimentar – compulsão – auto-depreciação – nova tentativa. A maioria estabelece metas quase impossíveis de atingir, o que garante a manutenção deste estado de coisas. Os comentários dos demais membros da comunidade, em sua maioria, também não sugerem nada diferente de palavras de incentivo à perda de peso.

Não é possível identificar com precisão o que leva ao fim a maioria dos diários. Algumas pessoas declaram já ter tido perfis excluídos pelo site, enquanto outras fizeram isso por conta própria após terem sido descobertas pela família. Outras simplesmente param de

⁵⁵ Dados apurados em fevereiro de 2009.

postar e não informam o motivo. O desgaste do tema se mostra nos sumiços frequentes de usuários. Dos que voltam, muitos dizem que ficaram um tempo sem postar porque viajaram, estavam trabalhando ou com outros interesses e, por isso, deixaram a ana e a mia de lado. A própria vontade de retomar os diários demonstra o desejo de voltar ao ciclo de comportamento repetitivo – já conhecido e, portanto, de certa maneira confortável – demonstrado neste tipo de comunidade.

5.6 CADA UM NO SEU LUGAR

Qualquer internauta sabe: na Web, há lugar para falar de tudo. Não importa o quão pouco convencional seja o assunto, são grandes as chances de já existir um grupo discutindo-o. Há espaço, por exemplo, para quem gosta de quiabo. E espaço para quem odeia. É este o argumento utilizado por anas e mias para justificar o repúdio às pessoas que entram em comunidades favoráveis aos transtornos alimentares com o intuito de ajudar, salvar, convencer do contrário ou até mesmo ofender.

Em vários fóruns pesquisados, esse tipo de episódio ocorreu ao menos uma vez. Na comunidade do Orkut *Anas / mias tbm tem sentimento*, uma pessoa abriu um tópico para mostrar uma reportagem do portal *GI*, da Rede Globo. A matéria⁵⁶ de 2006 mostra uma pesquisa científica realizada nos Estados Unidos que demonstra piora nos quadros de transtornos alimentares em pacientes que tiveram acesso a sites pró-anorexia e bulimia. Algumas das respostas obtidas foram as seguintes⁵⁷:

Ray myazinha:

Dani, o fato da maioria de nós naum aceitar ser doente sei ki isso é um problema e sério, mas a maioria das pessoas não conseguem nos entender, se fosse tão fácil não

⁵⁶ <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,AA1373045-5603,00.html>

⁵⁷ A escrita original, mesmo com erros, foi mantida.

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=36460410&tid=5253225674277482771&start=1>

existiria ana nem mia e embora muitas de nós ensina truques a meninas normais a se tornar uma de nós, sou totalmente contra. (...) Vejo isso tudo como uma doença e um estilo de vida, pq escolhemos viver doente e sabemos o preço, sofremos com isso, Mas não temos culpa se procuram nossos sites, pois eles existem, pra que possamos conversar com pessoas que nos entendam, e assim possamos a nos ajudar embora vcs achem que não muitas de nós estamos vivas graças a estes sites. Mande esse site que vc nos mando para os pais, pois assim quem sabe eles prestem mais atenção em seus filhos, somos assim, e não há nada que possa nos mudar, escolhemos nossas vidas.

angeline:

nós escolhemos isso... e se não fosse a internet, acho que nosso caso estaria bem pior... pois alias de "espalhar" a doença, ele nós permite conversar com quem nós entende... e isso nós ajuda psicologicamente, as mias sofrem risco de suicidio... acho que eu só não cometi suicidio por causa das pessoas que conheci via internet...

bella:

A maioria de nós vai clicar no link, ver o título, se tocar do que se trata e fechar a janela. A maioria das Anas que conheço sabe que está doente e persiste nisso. Não gostam da forma que estão, sabem que não é um hábito saudável E DAÍ? Eu não tenho escolha! pessoas magras são muito mais privilegiadas, esse negocio de q não precisa ser magrinha nem seguir a moda é muuuuito bonito!coisa digna de ser falada pela xuxa(que e magra e linda→ affe).Mas na prática é diferente. O que elas aí de cima disseram é verdade. Se eu me odeio do jeito que estou, imagina se eu engordasse! Eu ia me sentir um lixo pior ainda do que sou agora.ia querer me matar! Provavelmente você não entenderia...

Na comunidade *Anorexic Diary* um tópico⁵⁸ caiu para o nível das ofensas pessoais

quando um usuário anônimo postou palavras de baixo calão dirigidas aos membros do grupo:

Anônimo

TSC TSC

O que vcs tem na cabeça? bosta né, só pode :~

Milhões de pessoas lutando pra sobreviver, com doenças graves, e vcs querendo ter essa doença que mata, querem ficar perfeitas pra que? Pra morrer logo em seguida? só pode! bando de hipócritas, que morram então. (:

Só um aviso: perfeição não é só ter um corpo bonito, o caráter conta mto mais, dik.

E sim, não quero me indentificar, não quero ser prejudicada por um bando de loucas,
=*

A resposta, que representa a reação mais comumente observada a este tipo de crítica ofensiva,

veio também de uma pessoa que optou por não se identificar:

Anônimo

"Só um aviso: perfeição não é só ter um corpo bonito, o caráter conta mto mais" é definitivamente não é mesmo,a perfeição é o carater,mas a sociedade não ve assim,queremos nos amar,queremos ser aceitas,e para isso precisamos ser magras! e outra, É PROBLEMA NOSSO! CADA UM CUIDA DA SUA VIDA!

⁵⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=29197084&tid=5280357038546921274&kw=tsc+tsc>

Em diversos sites de relacionamento, verdadeiras brigadas foram formadas para combater os grupos pró-ana e mia. No Facebook, diversas comunidades se declaram contra sites que favoreçam a anorexia e a bulimia. O grupo *Ban Pro-Ana/Mia Profiles and Groups on Facebook*, com 305 membros, defende que perfis e fóruns com essas características sejam excluídos da rede de relacionamentos. Eles alegam que sites pró-ana e mia incitam pessoas ao autoflagelo e, portanto, deveriam ser considerados impróprios e até mesmo criminosos. Ainda maior é a comunidade *Contro i siti pro ANA(anorexia) e pro MIA(bulimia) aboliamoli!!!*, em idioma italiano, com 1280 membros. O grupo publica notícias e fotos que façam menção aos transtornos alimentares como tentativa de alertar usuários, bem como os responsáveis pelo site, dos riscos causados pela ana e pela mia.

Mas há também quem brigue pelo outro lado. Também no Facebook, uma comunidade de 305 membros se intitula *Don't Shut Down Pro-Ana or Pro-Mia Groups/Profiles!* A descrição da grupo diz “não estamos fazendo nenhum mal. Deixe-nos em paz!”⁵⁹ O mural de mensagens mostra que, independente do idioma ou nacionalidade predominante entre os membros, as discussões nas comunidades pró-ana e mia são muito semelhantes. Enquanto uma iniciante pede dicas para emagrecer, uma ana mais experiente responde e é advertida por um rapaz que expõe os riscos da anorexia, o usuário Ali Wanky desabafa: “estou cansado das pessoas nos falando o que fazer e o que não. Somos todos adultos aqui e temos o direito e a liberdade de fazer o que quisermos com nossos corpos. Não é da conta de ninguém. Não quero ser rude mas sério, e daí?”⁶⁰

59

<http://www.facebook.com/s.php?ref=search&init=q&q=pro%20ana%20mia&sid=a1b7e2d753fe3f6c949fab5ff032baf3#/group.php?sid=a1b7e2d753fe3f6c949fab5ff032baf3&gid=108513295202>

⁶⁰ Tradução de “im sick of ppl telling us what to do and what not. we are all adults here and we have the right and freedom to do whatever we want to our bodies. its nobodys business. i dont wanna be rude but srsly wtf”

5.7 ENCONTROS E DESENCONTROS

Uma das características das interações humanas, em suas várias formas, é a troca de imagens. Procura-se transmitir imagens de si próprio, ao mesmo tempo em que se formam imagens dos outros, a partir de informações que transmitem. Para isso, cada um utiliza como melhor lhe convém seus atributos físicos, intelectuais, emocionais, morais, entre outros.

Nos encontros presenciais, face a face, é possível obter instantaneamente informações sobre a identidade do interlocutor. Faixa etária, sexo, cor da pele e vestuário, por exemplo, ajudam a moldar, à primeira vista, um perfil. No ciberespaço, por outro lado, esta observação instantânea não existe. A imagem transmitida depende de características (reais ou não) que o próprio usuário decide mostrar aos outros membros da rede.

Com isso, a Internet abre espaço para a construção de avatares mais ou menos ligados à identidade física, conforme o desejo do usuário. As personas virtuais são criadas, principalmente, em salas de bate-papo, blogs, fotologs, sites de comunidades virtuais e programas de comunicação instantânea. Nestes espaços, este processo se realiza, principalmente, através da exposição de dados pessoais, descrições narrativas, imagens e fotos.

Dessa forma, os usuários estabelecem um jogo no qual é necessária a anuência mútua para que todos possam experimentar as possibilidades existenciais que se abrem por meio das características e práticas comportamentais que escolheram representar no ambiente virtual naquele momento.

Para Maffesoli (*apud* Ribeiro, 2003, p. 4) “A aparência, mais do que uma simples superficialidade sem conseqüências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, em suma de fazer sociedade”. Deste modo, a propagação na Internet de uma auto-imagem ideal e, ao mesmo tempo, não irreal, mas semi-

real, tem como base o desejo de ser socialmente aceito e, com isso, estabelecer interações. Correspondendo ao modelo físico e comportamental cultuado pela sociedade, a pessoa supõe ampliar suas possibilidades de experiências gratificantes no ambiente virtual ou, pelo menos, facilitar os contatos iniciais com os outros participantes da rede.

“De certa forma, estes modelos sugerem o trânsito de tipos ideais, matrizes de modelos que se aceitam e se reconhecem como pertencentes a um grupo seletivo de personagens desejáveis. O que, por sua vez, pode derivar em uma situação de efeito peculiar: a possibilidade da identidade *on-line* – arquitetada para interagir dentro do ambiente virtual – ter uma aceitação social mais receptiva, devido à série de atributos construídos de acordo com os padrões valorizados socialmente, do que a identidade vivenciada no mundo *off-line*.” (Ribeiro, 2003. p. 5)

Esta aceitação social no ambiente virtual torna-se importante em grupos como os *pró-ana* e *mia*, que têm por base a não aceitação da forma física. É uma característica de pacientes anoréxicos e bulímicos atribuir todo e qualquer infortúnio de suas vidas ao fato de não apresentarem a forma corporal supostamente desejada pelos padrões sociais. A Internet, ao permitir que a representação de si seja arquitetada conforme a vontade do usuário, oferece um ambiente propício à expressão destas pessoas que, nos fóruns virtuais, estão liberadas da vinculação entre quem elas realmente são e a forma física que apresentam.

Talvez seja este o principal fator para explicar a restrição quase completa das interações entre membros de comunidades *pró-ana* e *mia* ao mundo virtual. Ao longo da pesquisa, encontramos muitos registros de encontros presenciais planejados, mas nenhum indício de que algum deles tenha sido realmente concretizado. Além da dificuldade causada, no início, pela pouca idade de grande parte dos envolvidos – menores de idade que dificilmente escapariam à vigilância dos pais para comparecer a este tipo de evento, muito menos teriam permissão de falar sobre sua intenção de ir a um encontro de anoréxicos – talvez haja razões mais profundas para o não acontecimento destas reuniões.

A comunidade *encontro de annas e mias* foi criada no Orkut em novembro de 2007 com o intuito de favorecer estas interações presenciais. Atualmente com 149 membros, tem em seu fórum diversos tópicos com tentativas de articular encontros. Em um deles, uma garota propõe:

ALLIE ANNA E MIA

GENTEM!! VAMOS ORGANIZAR UM ENCONTRO ANNAS E MIAS!
 O QUE ACHAM DA IDÉIA DE NOS ENCONTRARMOS??? SERIA UMA REVOLUÇÃO NÃO ACHAM?? ALEM DE NOS INCENTIVAR AINDA MAIS , SERIA ASSIM UMA VEZ NO ANO NOS REUNIRIAMOS EM UM ESTADO TDS JUNTAS SERIA SHOW D+++++ MAGRAS E LINDAS !!! O MUNDO IA BABAR!!!!
 O QUE ACHAM?? POSTEM PLEASE
 PENSE O TANTO QUE SERIA BOM VER TDS JUNTAS MAGRAS E LINDAS COM A PULSERINHA DA ANNA BARRIGUINHA SARADA DE FORA. NAUM TEM SATISFAÇÃO MELHOR QUE ESSA

Outras anas, porém, não parecem compartilhar da mesma animação, e respondem à proposta:

Don't follow me

"barriguinha sarada d fora" ...
 ô! qm me dera...!

♥ANNA♥♥

AMEI A ÍDEIA, MAS SE NAUM TIVER BARRIGUINHA SARADA DE FORA..PQ A MINHA DE SARADA NAUM PASSA PERTO...BIJOOOOOOOO

Mayara

Eu também quero. Ahaha
 Mas tenho medo de me sentir mais insegura ainda, pois creio que serei a menos magra do encontro... Mas de qualquer forma, eu sei que todas as Anas dariam força umas às outras.

ana-mia..

nom..nom..
 a menos magra infelizmente vai ser eu..
 que bosta.. ٩٩

Em outra comunidade do Orkut, a *Rio de Janeiro / Ana e Mia*, há pelo menos cinco tópicos com tentativa de agendar encontros, mas nenhum sinal de que algum deles tenha acontecido. Em um tópico, as pessoas chegam a discutir o que fazer no dia e as sugestões mais aplaudidas são: passar o dia de NF (jejum) e estabelecer metas para o próximo encontro.

Por demonstrar certo caráter competitivo, esta última idéia pode ter contribuído para afastar potenciais participantes, por medo de que seu peso não estivesse próximo à meta estabelecida.

No universo de comunidades pesquisadas, o que notamos é que as interações entre anas e mias, na grande maioria dos casos, não ultrapassam a conversa via Internet rumo a uma convivência física. Como as próprias pessoas expõem nas comunidades, boa parte disso se deve ao desconforto com a imagem corporal (característica própria dos transtornos alimentares). O encontro presencial é, portanto, deliberadamente evitado. Com isso podemos notar o importante papel das redes computadorizadas no sentido de prover um ambiente tecnológico favorável e relativamente seguro para pessoas cujas condições limitam as interações sociais com aqueles fisicamente próximos, como a família e os amigos.

5.8 UNIDOS VENCEREMOS

Nada melhor para promover a unidade de um grupo do que um adversário em comum. Podemos observar evidências disto na história e na política, onde, das hordas bárbaras aos tempos atuais, o repúdio compartilhado a um mesmo inimigo fez e faz com que até mesmo partidos e nações anteriormente rivais esqueçam os atritos e se unam pela mesma causa.

Não é diferente nas comunidades pró-ana e mia. São freqüentes os casos de pessoas que entram nos fóruns para tentar “salvar” os membros, alertando para os riscos dos transtornos alimentares como se, com tudo o que tem sido falado a respeito do assunto, essas informações pudessem ainda ser desconhecidas. A interferência destas pessoas alheias ao grupo pode variar da suposta caridade (“procurem ajuda, vocês estão doentes, voltem a aproveitar a vida”) à ofensa deliberada (“suas burras, querem se matar? então morram logo”).

Na comunidade *Depois de miar me sinto melhor*, um rapaz abre um tópico para atacar os membros do grupo. A resposta, além de retribuir a ofensa, convoca o restante da comunidade a se unir e permanecer firme na causa.

Caliane

porquinho idiota

vc é um otario idiota e tem é inveja da GNT

pq a gnt tem um objetivo na vida que é ficar magras e lindas

se manda cara essa comu ã é para qualquer um como vc.

amigas vamos dar um viva para a "ana e a mia".

Como podemos notar, a presença deste outro, o de fora, contribui para a aglutinação do grupo e, mais ainda, para a própria legitimação de sua existência. Afirma-se em oposição ao outro. Além de ser deste grupo *e* não ser daquele, o que se percebe nas entrelinhas é o ser deste grupo *por* não ser daquele. Uma ana/mia, por exemplo, pode justificar seu comportamento e o pertencimento a esta coletividade com o argumento de que, caso assim não fosse, incorreria no grupo contrário: o dos odiados “comedores de açúcar”.

As respostas aos ataques, mais que desaprovação ou revolta, representam a oportunidade de reafirmar o lugar de seus autores no grupo, bem como o lugar do grupo num universo de outras tribos distintas. É equivalente ao que ocorre em numerosas manifestações de orgulho de minorias sociais, sempre referenciadas na unidade daqueles que compartilham aquela característica em oposição a uma maioria supostamente opressora.

O que a web – e, com ela, a organização social centrada nas redes de informação – traz de novo é a capacitação técnica para a visibilidade de pensamentos distintos. Assim, as diferenças saem do submundo dos guetos, do não-falado, para a esfera do visível. No confronto com o invasor externo, a resposta mais vista nas comunidades virtuais estudadas segue a linha “vá procurar sua turma”. Mas há que se considerar a importância deste elemento exterior para a legitimação da causa apresentada. Causa esta que talvez não se sustentasse com a mesma força, se não houvesse este confronto, esta comparação.

5.9 À VISTA DE TODOS

Quem entra na web e, sobretudo, quem constrói um perfil em sites de redes sociais já sabe que está visível a qualquer outro nó desta mesma rede (a não ser em casos de sites cujas configurações permitem restringir o acesso ao perfil). Esta visibilidade ultrapassa qualquer limite anteriormente imaginado e, como tudo na vida, apresenta vantagens e desvantagens.

Um estudante de química, por exemplo, pode se inscrever em uma rede social para contactar pessoas que desenvolvam trabalhos em sua área de pesquisa. No entanto, apenas por ter criado seu perfil, ele passa a estar visível e disponível para ser encontrado por um antigo vizinho e adicionado à comunidade virtual do bairro em que morava quando criança. Este reencontro não poderia nem sequer ser imaginado pelo estudante antes que ele se tornasse membro daquele site. No entanto, ocorreu como consequência de uma visibilidade característica da web.

A grande maioria dos internautas tem provas diárias da extensão - desejada ou indesejada - de sua exposição virtual ao abrir a caixa de e-mails. Possuir um endereço eletrônico, além de proporcionar um canal de comunicação com familiares, amigos e pessoas com interesses comuns, também faz com que sejamos potenciais destinatários de inúmeras mensagens incômodas, conhecidas virtualmente como *spam*. Pornografia, vírus, propagandas e tentativas de golpe respondem pela maior parte dos e-mails não solicitados.

Do mesmo modo, pessoas que freqüentam sites pró-anorexia e bulimia no intuito de encontrar pares que compartilhem suas idéias também estão expostas àqueles que delas discordam. O falar na internet pode até ter um destinatário específico, mas nada impede que qualquer um nas redondezas escute o que está sendo dito e venha emitir sua opinião. Podemos

verificar isso nas várias intervenções em comunidades pró-anorexia e bulimia. Além de encontrar apoio e consolo, os participantes sentem os efeitos da visibilidade nos ataques de “inimigos” que entram nos fóruns para ofender os membros e nos conselhos de pessoas que sugerem “procurar ajuda” (quando já fica claro que aquele grupo não está em busca de ajuda [pelo menos, não do tipo que lhes propõem]). A própria exposição na mídia é também um dos efeitos desta visibilidade que vai além do planejado. Muitas anas e mias, nos fóruns, reclamam de reportagens sobre o tema, que podem fazer com que pais e amigos descubram seus sintomas.

Na comunidade *T.A Boys*, destinada a rapazes anoréxicos e bulímicos, a visibilidade foi ironizada em um tópico que propunha a criação de um “BBB ana/mia”. Ou seja, uma competição de perda de peso com metas e eliminações semanais, em referência ao reality show *Big Brother Brasil*, exibido pela Rede Globo há nove anos.

Paulo Paixão

Poderíamos fazer por etapas, cada etapa com duração de uma semana. O número de etapas seria equivalente ao número de membros. Ao final de cada etapa, o membro que tivesse menos sucesso com a balança seria eliminado, para isso, faríamos uma pesagem semanal. O problema está em não sabermos se o participante estaria mentindo, teríamos mesmo que contar com sua honestidade.

Que tal começar uma semana antes do natal, e depois retomar no dia 1 de janeiro?

[K]

Há...quem tá na chuva se molha. Meu imc é menor que 20, mas tenho saúde de ferro. Bem, fica a critério de vcs. Se eu for participar, penso que seria bom antes das festas de finais de ano, fica difícil 'comportar' nessas ocasiões, seria um estímulo a mais...

Paulo Paixão

A etapa I começa no dia 16, com a primeira eliminação no dia 23. Será eliminado quem perder menos peso na semana. Quem perder mais peso ao final das etapas ganha o BBB. O número de etapas será igual ao número de inscritos menos 1. As inscrições vão até o dia 15. Lembrando que tenham cuidado com a saúde, não seria bom ver ninguém morrendo nem enlouquecendo por aí. E boa sorte!

Assim como os encontros presenciais, a competição se restringiu ao planejamento. No próprio fórum, alguns participantes que já haviam “feito a inscrição” reclamaram que o torneio não se realizou. Por estes dois exemplos podemos notar que propostas que possam expor a realidade

do peso corporal e do processo de emagrecimento costumam ser abandonadas, talvez por medo da comparação e de não corresponder às expectativas supostamente depositadas pelos outros.

Outra evidência desta visibilidade proporcionada pela web é o retorno por parte dos websites e instituições oficiais. Após a popularização de blogs e comunidades virtuais pró-ana e mia – e conseqüente exposição do tema na mídia – executivos de grandes empresas responsáveis pelos websites em que estes conteúdos se hospedam passaram a tomar medidas para restringir sua expressão. Alguns passaram a deliberadamente excluir as páginas dos grupos, outros optaram por colocar avisos de alerta para conteúdo supostamente perigoso, enquanto outros não fizeram nada, alegando que as comunidades não feriam a política do site.

Pudemos ver também, nos últimos anos, legisladores de vários países propondo e aprovando medidas para tentar controlar a exaltação dos transtornos alimentares por grupos pró-ana e mia. Na França, a Câmara dos Deputados aprovou em abril de 2008 um projeto de lei que declara ilegal incitar publicamente o excesso de magreza, encorajar a perda severa de peso e divulgar métodos para passar fome. Eles alegam que quem fizesse isso estaria contribuindo para o sofrimento auto-infligido e, em alguns casos, para a morte de outros.

Quer seja este retorno da parte de legisladores, veículos de comunicação ou usuários que entram para emitir opiniões, fato é que, uma vez disponibilizadas em rede, as páginas pro-ana e mia, como qualquer outro conteúdo, tornam-se visíveis para todos os outros nós. Do mesmo modo, não é mais possível também ao restante da sociedade ignorar sua existência. A exposição proporcionada pelas redes informatizadas impossibilita a postura de “tapar o sol com a peneira” diante de temas anteriormente camuflados ou restritos a guetos. É preciso considerar que eles existem e articular maneiras de lidar com eles. A visibilidade das redes contribui para o fim da indiferença.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS INAUGURAIS

Em todas as épocas da história humana, os modos de pensar e viver foram adaptados às condições técnicas disponíveis. Para McLuhan (1964), nos tempos marcados por inovações mecânicas, a reação correspondente a cada ação era retardada por consideráveis espaços de tempo, por conta da lentidão dos processos e movimentos. Mesmo assim, foi uma época de implementação da possibilidade de projeção do corpo físico, através de próteses capazes de ampliar suas funções para além dos limites dados pelo biológico. Aparelhos hoje considerados simples, como a roda e a alavanca, permitiram ao homem alcançar desenvolvimentos técnicos que se tornaram a base do que se usou chamar civilização.

As inovações mecânicas fixaram o homem à terra e introduziram a percepção linear do tempo (antes tido como cíclico pela observação da natureza). Só assim foi possível o desenvolvimento da ciência como a conhecemos hoje, com sua metodologia seqüencial, fragmentação dos processos e detalhamento das partes, e a criação do conceito de produção em série – base da sociedade de consumo – também fundado na divisão e especialização.

Com as tecnologias elétricas, foi a vez do sistema nervoso ser projetado em extensão global, modificando as concepções humanas de espaço e tempo. A projeção da consciência e da informação em fios, cabos e, mais tarde, ondas, fez com que vivêssemos num fluxo contínuo de ações e reações, no qual tudo se encontra em permanente mudança – em “estado líquido”, segundo Bauman (2004), aludindo à capacidade mutante dos fluidos de assumir novas formas de acordo com o recipiente.

A humanidade está enredada. Ninguém está fora da tão falada aldeia global. Com o sistema nervoso atrelado, por meio dos fluxos informacionais, a esta teia densamente conectada, não há como ser alheio. O mundo se encontra em um momento de implosão, em uma contração que traz tudo para cada vez mais perto. As fronteiras estão cada vez mais esmaecidas. O eu é, cada vez mais, o outro. Ou melhor, não há mais outro.

A Nova Psicanálise se insere neste entendimento da contemporaneidade e toma a própria pessoa, antes considerada indivisível, como rede. Cada um *há* em permanente conexão com todas as outras formações. Para McLuhan, ainda em 1964, a era da implosão elétrica já poderia ser chamada de Idade da Angústia. Em um mundo líquido, é cada vez mais escassa a terra firme onde se apoiar. Tornam-se mais frágeis as formações duras, instituições, paradigmas e padrões estabelecidos. É como angústia também que a Psicanálise define o sentimento fundamental do humano – este ser que vem ao mundo com o dom de avessar o que lhe é dado e tem que manobrar, ao longo da vida, seus arranjos e rearranjos para lidar com o Haver.

Se considerarmos desta forma, todo e qualquer comportamento pode ser entendido como a maneira encontrada por alguém para lidar com a angústia de existir. Esta abordagem ultrapassa dualismos como normal/anormal, desejável/indesejável, proibido/permitido. Desatando amarras deste tipo, nos tornamos livres para investigar peculiaridades de comportamentos como o movimento pró-anorexia e bulimia sem nos prendermos a rótulos e pré-conceitos. O foco permanece naquilo que é o vínculo absoluto de todos os seres humanos e, mais ainda, de tudo que há: o inexorável movimento rumo à extinção – neste caso explicitado até mesmo fisicamente pelo desejo do emagrecimento até um ponto praticamente cadavérico. A trajetória pulsional de todas as coisas, que não pode ser parada ou desviada, permeia tudo o que se faz, tudo que é.

Ao tomar como referência este vínculo absoluto, a Nova Psicanálise denomina os outros vínculos (biológicos, simbólicos, culturais) como relativos. Considerando o ponto de indiferenciação atingido no processo contínuo do Revirão, este modo de entendimento apresenta a vantagem da suspensão das diferenças de ordem primária e secundária, como características físicas, culturais e discursivas. Esses fatores reafirmam a eficácia desta

abordagem na compreensão de fenômenos comunicacionais que encontram meios técnicos de expressão no século XXI.

Como vimos, as condições denominadas transtornos alimentares não são novidades. O que modifica a relação das pessoas com este tema – e com outros igualmente polêmicos e anteriormente ocultados – é o ambiente sociotécnico possibilitado pelas redes informatizadas, nas quais todos têm condições de expressar quaisquer conteúdos. Efetivamente, a conexão em redes sociais na internet tem propiciado a expressão de vontades vinculares existentes desde sempre, mas sem antes dispor dos canais adequados à especificidade de suas demandas.

O “anonimato” é uma das características facilitadoras desta expressão – mas só é anonimato em relação aos papéis sociais ou *selfs* restritos que a cultura define de saída como desejáveis a cada um. Através dos avatares e perfis virtuais, bem como de seus discursos, os membros são identificados e julgados dentro do grupo. Têm regras e papéis sociais e interagem de acordo com eles. Com a visibilidade proporcionada pela web, *anas*, *mias* ou qualquer outro grupo não podem mais ignorar que seus websites, além dos adeptos, serão também visitados por aqueles a quem apontam como responsáveis pelas não-realizações de suas metas. Estão, assim, sujeitos a críticas e intervenções que podem ou não ser favoráveis, mas que estão, sobremaneira, fora de seu controle – os “contras” que acabam por vir de brinde no pacote de “prós” da disponibilidade virtual sem fronteiras.

Admitindo-se, então, que sites *ana* e *mia* se constituem como “redes sociais” (Recuero, 2005), nem por isso é preciso entendê-los como “comunidades” (virtuais ou outras), mesmo que este termo seja usual na web. Ao contrário da noção de uma “unidade comum”, como a palavra sugere, a indicação ao longo da pesquisa é a de um tipo de socialidade capaz de incluir a referência à vinculação absoluta, a qual escapa a abordagens de tipo sociológico que operam com a noção de comunidade.

Assim, para além do sentimento de pertencer a uma comunidade, o que se observa nestes grupos são usuários “em trânsito”: pessoas que interagem nos fóruns ana/mia e, ao mesmo tempo, em sites sobre música, proteção ambiental, roupas, TV e quaisquer outros assuntos. A permanência em cada um destes grupos é definida tão somente pelo interesse momentâneo do internauta. O que se observa em comunidades pró-ana e mia é, muitas vezes, uma circularidade dos temas retratados. Os assuntos e questionamentos permanecem os mesmos e as pessoas entram e saem das comunidades quando desejam se “reabastecer” daquele conteúdo. São comuns os depoimentos de membros que, após um tempo de ênfase em outros temas, voltam aos fóruns para retomar as velhas discussões. Como prateleiras de supermercado, as comunidades, cada vez mais segmentadas e efêmeras, permanecem disponíveis ao usuário, protagonista da vida líquida dos anos 2000, que circula entre elas conforme o desejo, sem se fixar a lugar algum.

O entendimento da pessoa como rede pela Nova Psicanálise ajuda a compreender que, na sociedade informatizada, nenhuma característica física ou cultural é limitadora do que se habituou a chamar de self, como davam a entender as causas sociais dos anos 60/70. No século XXI, o que se observa é o declínio do costume de se definir sob uma bandeira de gênero, etnia ou classe social. Um homem ou uma mulher pode ter pele negra, religião neopentecostal e bulimia, sem que uma destas características necessariamente determine ou exclua outras. Mais que isso, devido às condições técnicas disponíveis, podem encontrar outros que compartilhem com ele/ela estas características, mesmo que discordem radicalmente das demais. De acordo com a NovaMente, pessoas são emaranhados de conexões sem limites definidos, com franjas que abarcam todo e qualquer conteúdo numa mesma teia de disponibilidade permanente.

Ao se expressarem em ambientes multiacessáveis, anas, mias ou outros envolvidos não podem mais conter as conexões com os mais variados temas e conteúdos que

também se encontram aí disponíveis. No caso em estudo, queira-se ou não, evidencia-se o caráter *relativo* dos vínculos propostos de início (suporte a anorexia e bulimia como “estilo de vida”, por exemplo) justo por se demonstrarem relativos demais às posições daqueles contrários ao que propõem. É desta ordem de evidenciação que pode surgir a chance de indiferenciação entre anas/mias, que se colocam de um lado, e comedores, de outro – e ocorrer algum apontamento para a vinculação absoluta, já que todos, quaisquer que sejam seus “estilos de vida”, se movimentam no inexorável empuxo de sair de uma existência sem possibilidade de saída.

Um efeito importante desta veiculação é, pois, transformar o modo de tratar o acontecimento, tanto da parte dos que o vivem quanto dos que convivem com ele, e mesmo dos que pensam sobre ele – ou seja, todos e todas, visto que, na atual situação de interconexão e visibilidade global, os conteúdos explicitados online não podem mais ser ignorados como até então acontecia. Uma vez em rede, e justo por isto, o próprio acontecimento passa a não mais se qualificar apenas pelas características anteriores à sua veiculação: todos, queiram ou não, passam a estar concernidos e novos passos se disponibilizam para a consideração dos fatos. Isto não significa que sejam necessariamente passos mais adequados, e sim que a questão se reconfigura – e, portanto, também se torna disponível à proposição de ações mais compreensivas (no sentido de includentes) em relação ao que está em jogo na situação.

A mudança proporcionada pela expansão das redes sociotécnicas no século XXI é a possibilidade de indiferenciar o caráter relativo dos vínculos, suscitando ao máximo a expressão de todos os conteúdos envolvidos (manifestos ou recalcados) para que, de novo, se reconfigurem nos jogos das formações. Uma vez que este empuxo diferença / indiferença / nova diferença é visto como incessante e indestrutível, justifica-se pensar uma possibilidade vincular apta a acolhê-lo como próprio do humano e, portanto, operativo em todas as suas instâncias. As conseqüências políticas deste modo de abordagem são inúmeras, pois

indiferença na acepção que empregamos não é desprezo ou descaso, e sim pleno interesse por *todas* as manifestações – ampliando-se, assim, infinitamente o campo das possibilidades de expressão e intervenção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. In: **Revista de Nutrição**. Campinas, 16(1): 117-125, jan/mar, 2003.

ASSUMPCÃO JR., Francisco B. A questão da beleza ao longo do tempo. In: BUSSE, Salvador de Rosis (org.). **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri: Manole, 2004.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science and everyday life**. New York: Plume Books, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Consuming Life. In: **Journal of Consumer Culture**. 2001; 1; 9. Disponível em: <http://joc.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/1/9>

_____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BUSSE, Salvador de Rosis; SILVA, Beatriz Leal da. Transtornos Alimentares. In: BUSSE, Salvador de Rosis (org.). **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri: Manole, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FERREIRA, Leonardo Teixeira de Mello. Comunicação e velocidade – O novo espaço-tempo da interação social. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres (vol. 2)**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. In: **American Journal of Sociology**. Vol. 78, Issue 6 (May, 1973), 1360-1380. University of Chicago Press, 1973.

JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. Sedução, publicidade e pós-modernidade. In: MARTINS, Francisco Menezes, SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do Virtual**. Porto Alegre, Sulina, 2004.

MAGNO, MD. **Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica**. Rio de Janeiro: Novamente, 2007.

_____. [1993] **A Natureza do vínculo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. [1986] Pleroma. In: [1986-87] **O Sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise**. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MOURÃO, José Augusto. O mundo das redes: a euforia rizomática. **Cadernos do Instituto São Tomás de Aquino**, Lisboa, 2004. Disponível em http://www.triplov.com/ista/cadernos/mundo_das_redes.html

NAKAMURA, Eunice. Representações sobre o corpo e hábitos alimentares: o olhar antropológico sobre aspectos relacionados aos transtornos alimentares. In: BUSSE, Salvador de Rosis (org.). **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri: Manole, 2004.

PAULINO, Rita C. R. Comunidades virtuais e redes de relacionamentos. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: [s.n.], 2003.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA,

Sérgio Amadeu da (org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder.** Salvador: EDUFBA, 2008.

RECUERO, Raquel. **Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia.** Faro, Valparaíso, v. 1, n. 2, 2005

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004

SEGATTO, Cristiane; PADILLA, Ivan; FRUTUOSO, Suzane. Por dentro de uma mente anoréxica. **Época.** Ed. Globo, nº 444, p. 92-99, 20 de novembro de 2006.

SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. **Artificialismo total. Ensaio de transformática. Comunicação e psicanálise.** Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

ANEXOS

1. Carta da Ana⁶¹

Querida Leitora,

Permita me apresentar. Meu nome, ou como sou chamada, pelos também chamados doutores, é Anorexia. Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. Felizmente nós podemos nos tornar grandes parceiras. No decorrer do tempo, eu vou investir muito tempo em você, e eu espero o mesmo de você.

No passado você ouviu seus professores e seus pais falarem sobre você. Diziam que você era tão madura, inteligente, e que você tem tanto potencial. E eu pergunto, aonde tudo isso foi parar? Absolutamente em lugar algum! Você não é perfeita, você não tenta o bastante! Você perde muito tempo pensando e falando com amigos! Logo, esses atos não serão mais permitidos.

Seus amigos não te entendem. Eles não são verdadeiros. No passado, quando inseguramente você perguntou a eles: - Estou gorda? - E eles te disseram: - Não, claro que não! - você sabia que eles estavam mentindo! Apenas eu digo a verdade! E sem falar nos seus pais! Você sabe que eles te amam e se importam com você, mas uma parte é porque eles são pais, e são obrigados a isso. Eu vou te contar um segredo agora: Bem no fundo, eles estão desapontados com você. A filha deles, que tinha tanto potencial, se transformou em uma gorda, lerda, e sem merecimento de nada!

Mas eu vou mudar isso. Eu espero muito de você. Você não tem permissão para comer muito. Eu vou começar devagar: Diminuindo a gordura, lendo tabelas de nutrição, cortando doces e frituras, etc. Por um tempo os exercícios serão simples: Corridas, talvez

⁶¹ <http://inforum.insite.com.br/9828/815668.html>

exercícios localizados. Nada muito sério. Talvez você perca alguns quilos, tire um pouco de gordura deste seu estômago gordo! Mas não irá demorar muito até eu te dizer que não está bom o suficiente.

Eu vou te fazer diminuir calorias consumidas e vou aumentar a carga de seus exercícios. Eu vou te forçar até o limite! Eu preciso fazer isso, pois você não pode me derrotar! Eu estarei começando a me colocar dentro de você. Logo, eu já vou estar lá. Eu vou estar lá quando você acordar de manhã e correr para a balança. Os números começam a ser amigos e inimigos ao mesmo tempo, e você, em pensamento reza para que eles sejam menores do que ontem à noite. Você olha no espelho com enjôo. Você fica enjoada quando vê tanta banha nesse seu estomago, e sorri quando começam a aparecer seus ossos. E eu estou lá quando você pensa nos planos do dia: 400cal e 2h de exercícios. Sou eu quem esta fazendo esses planos, pois agora meus pensamentos e seus pensamentos estão juntos como um só.

Eu te sigo durante o dia. Na escola, quando sua mente sente vontade, eu te dou alguma coisa para pensar! Recontar as calorias consumidas do dia. Elas são muitas. Eu vou encher sua cabeça com pensamentos sobre comida, peso e calorias. Pois agora, eu realmente estou dentro de você. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma. A dor da fome, que você finge não sentir, é eu dentro de você! Logo, eu não vou estar te dizendo o que fazer com comida, mas o que fazer o tempo todo! Sorria, se apresente bem. Diminua esse estomago gordo, droga!

Deus, você é uma vaca gorda!!! Quando as horas das refeições chegarem, eu vou te dizer o que fazer. Quando eu fizer um prato de alface, será como uma refeição de rei! Empurre a comida em volta! Faça uma cara de cheia... Como se você já tivesse comido! Nenhum pedacinho de nada... Se você comer, todo o controle será quebrado. E você quer isso? Ser de novo aquela vaca gorda que você era? Eu te forço a ver uma revista de modelos. Aquele corpo perfeito, magro, dentes brancos, essas modelos perfeitas te encaram pela página

da revista! E eu te faço perceber que você nunca será uma delas. Você sempre será gorda, e nunca vai ser tão bonita quanto elas! Quando você olhar no espelho, eu vou distorcer sua imagem, e te mostrar uma lutadora de sumo. Mas na verdade existe apenas uma criança com fome. Mas você não pode saber da verdade, pois se você souber, você pode começar a comer de novo e nossa relação pode vir a cair, e me destruir!

Às vezes você vai ser rebelde. Felizmente não com muita frequência. Você vai dar força àqueles últimos pensamentos, e talvez entrar naquela cozinha escura! A porta vai se abrir devagar, você vai abrindo a porta do armário e colocando sua mão naquele pacote de biscoitos, e você vai simplesmente engoli-los, sem sentir gosto nenhum na verdade, você faz isso pelo simples fato que você está indo contra mim. Você procura por outra caixa de biscoitos, e outra e outra. Seu estômago está cheio de massa e gordura, mas você não vai parar ainda. E o tempo todo eu vou estar gritando para que você pare, sua vaca gorda! Você realmente não tem controle, você vai engordar!

Quando isso acabar, você vai vir desesperada para mim de novo, e me pedindo conselhos porque você não quer ficar gorda! Você quebrou uma regra, e comeu, e agora você me quer de volta. Eu vou te forçar a ir ao banheiro, ajoelhada e olhando para a privada! Seus dedos vão para dentro da sua garganta, e com uma boa quantidade de dor, a comida vai toda sair. Você vai repetir isso várias vezes, até que você cuspa sangue e água, e saiba que toda aquela comida se foi! E quando você se levantar, você vai sentir tontura. Não desmaie! Fique em pé agora mesmo! Sua vaca gorda! Você merece sentir dor!

Talvez a escolha de te fazer ficar cheia de culpa vai ser diferente. Talvez eu escolha te fazer se encher de laxantes, e você vão ficar sentada na privada ate altas horas da manha sentindo seu estômago se revirar. Ou talvez eu faça você se machucar, bater sua cabeça contra a parede, ate você ganhar uma dor de cabeça insuportável! Cortar também é bem útil. Eu quero ver sangue, quero ver ele cair sobre seu braço, e naquele segundo, você vai perceber

que merece qualquer tipo de dor que eu te dou! Você vai ficar deprimida, obcecada, com dor, se machucando e ninguém vai notar? Quem se importa?!?!?Você merece!

Ah, isso é muito duro? Você não quer que isso aconteça com você? Eu sou injusta? Eu faço coisas que apenas vão te ajudar! Eu vou fazer que seja possível parar de pensar em emoções que te causam stress. Pensamentos de raiva, tristeza, desespero e solidão podem ser anulados, pois eu vou tirar eles de você, e encher sua cabeça com contas metabólicas de calorias. Vou te tirar a vontade de sair com pessoas de sua idade e tentar agradar todos eles. Pois agora eu sou sua única amiga, eu sou a única que você precisa agradar!

Mas nós não podemos contar a ninguém. Se você decidir o contrário, e contar como eu te faço viver, todo o inferno vai voltar! Ninguém pode descobrir, ninguém pode quebrar esta concha que eu tenho construído com você! Eu criei você, magra, perfeita, minha criança lutadora! Você é minha, é só minha! Sem mim, você é nada! Então, não me contrarie. Quando outras pessoas comentarem, ignore os! Esqueça deles, esqueça todos que querem me fazer ir embora. Eu sou seu melhor apoio, e pretendo continuar assim.

Com sinceridade.

Ana

2. Carta da Mia⁶²

Olá. Meu nome, querida, é Bulimia. Mas para nos tornarmos mais íntimas, pode me chamar de "Mia". Eu serei sua amiga de emergência, aquela que nas horas em que o cinto apertar você poderá contar comigo. Quase sempre acompanhada de nossa querida amiga Ana, e assim nós seremos poderosas, nós moderamos você ao nosso gosto, e assim vai conhecer o

⁶² <http://prosacaotica.blogspot.com/2005/02/carta-da-mia-ol.html>

caminho da perfeição. Às vezes ficarei com ciúme da atenção que você dará à Anna, mas sei que quando a trai é a mim que você recorrerá, após suas terríveis compulsões. Quando comer mais que uma baleia, e sentir-se enorme, sou eu que lhe ajudarei curvando seu corpo à pia, ou ao vaso sanitário, fazendo com muita força; forçando sua garganta para que toda aquela comida nojenta saia descarga abaixo, e assim você se sentirá limpinha, renovada e com um belo estômago de pena.

Porque você não pode pôr tudo a perder... Porque Anna e eu controlamos sua mente para que chegues à perfeição. Isso, garota, curve-se perante mim e use seus dedos, sua escova de dente ou até mesmo um pedaço de pau, deixe tudo sair até a última gota, quero sangue saindo de sua garganta e estômago. Não chore, é assim mesmo o caminho da perfeição. É doloroso. Agora levante-se, sente-se um pouco, relaxe. Veja como você se sente bem melhor, não é mesmo? Está tudo limpo em você, agora sim, boa garota... Sabia que ia compreender o que se passa. Você está indo no caminho certo. Ainda falta muito e por isso trate de se empenhar... Estou aqui para o que der e vier, qualquer coisa é só me chamar.

Abraços

Mia

3. 20 mandamentos da ana/mia⁶³

- 1- Olhe no espelho e diga a vc mesmo que está gorda.
- 2- Não acredite no que os outros andam dizendo a seu respeito. Você nunca estará magra o suficiente.
- 3- Olhe imagens de mulheres belas e magras diariamente, e torne-se uma delas.

⁶³ <http://tudosobreanaemia.blogspot.com/2008/05/20-mandamentos-da-anamia.html>

- 4- Não pense ou coma comida. Comida lhe faz engordar, QUALQUER comida lhe faz engordar.
- 5- Beba o maximo de água que puder. Se sentir q vai explodir, beba um pouco mais.
- 6- Não chore, chorando você faz drama e demonstra que não tem controle e é fraca.
- 7- Não conte a nenhum amigo que vc e MIA... ou ANNA... eles querem acabar com elas.
- 8- Faça diariamente exercícios físicos, exageradamente e nunca ache que está demais.
- 9- Fique sempre de olho nas calorias... Se puder não coma, só quando estiver fraca d+ a ponto de perder os sentidos.
- 10-LEMBRE-SE: COMER É PARA OS FRACOS!!!
11. Nunca rejeitar um bom copo de água gelada.
12. Guardar pelo menos 5 reais da mesada para os laxantes.
13. Cuidar da aparência.
14. Nunca mais gastar seu dinheiro com comida.
15. Sempre ter fotos de thinspirations com você.
16. Rejeitar o máximo de refeições.
17. Nunca abrir mão de sua amiga bulimia e de esportes.
18. Vencer os desafios que vierem pela frente.
19. Mentir quando necessário.
20. Mesmo depois de ter uma grande compulsão não desista.